

Um homem co-
mendando maçã!

Um homem comendo maçã

de agosto a outubro de 2006,

1ª edição

TODOS OS DIREITOS reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de parte deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização do ... aaaahhhhhh ... copyright ... aaahhhh, catalogação, projeto
quanta balela!

Paulo Conceição Rocha

Dedicado às minhas verdadeiras amigas,
quase todas sofridas,
quase todas ausentes e maldizendo-me um monte ...
tudo bem,
elas sabem quem são.

01. Ainda não começou a chover. Em pouco tempo cairá a tempestade em ritmo reto sobre minha cabeça, estrondo, o céu está azul cor de saudade, balbúrdia, as pessoas não terão aonde se abrigar quando vier o aguaceiro em tropel, mas por enquanto, somente a folhagem desgarrada baila, oscila, pastoreia, ditando leve o tom da tarde que se vai, expira. Do outro lado da praça, mais adiante, parece que se abrem as portas do consultório, é bom aproveitarem rápido o clima estável e comecem logo o expediente de atendimento, uma pequena multidão começa a se avolumar na praça, vai chover, não faço idéia há quantas horas estou aqui de vigília, Embaixo de Tudo, imóvel, as árvores soltam folhas quais notas musicais ... para o nada, a praça está situada Embaixo de Tudo, e apesar de pouco a pouco ser preenchida de gente, seus eventos vagueiam e se repetem, parece que se ironizam, cena a cena, numa lógica insistente, onde personagens são espelhos incomuns frente ao percurso dos fatos, parece que se imitam, uma família de quatro membros passa ao longe macaqueando movimentos, parece que exatamente agora se abrem as portas do consultório ... enfim, não agüentava mais esperar, tenho a ligeira impressão de que serão muitos os clientes hoje a serem atendidos, em breve ficaremos todos molhados, não há abrigo, marquise ou cobertura qualquer na praça. Posso antever, num futuro próximo, três amigas a se abraçarem nuas sob a chuva, giram sobre o eixo delas mesmas, sob a chuva, cantam como se suas vozes pudessem cortar a cor

azul cremosa, misteriosamente não desfeita pelas nuvens, sob a chuva, carregadas, estão nuas as três amigas, não creio que elas desceram cá Embaixo de Tudo por que sejam clientes também, aliás, eu nunca poderia prever o quão especial é o dia neste sítio rebaixado e por vezes esquecido, tenho a nítida sensação que já estamos num tipo de paraíso, numa quimera quiçá almejada por outros seres, de um outro plano anterior ... eu, e as três amigas, e a família que passava ao longe, sentaram neste instante ao meu lado, e as folhas dançando em coro singelo, agora soa a sirene do consultório, vai começar o atendimento, e os demais narradores que esperam pacientemente pela urgentíssima consulta. Não nos fora entregue senha alguma. Depois do toque estridente da sirene, volta o quase silêncio, anoitecendo, algo me diz que serei acometido por uma dor insuportável na região do abdômen, foi bom ter tomado hoje a decisão de vir me consultar, algo me diz que as coisas continuarão se repetindo na praça, não posso garantir, mas quanto à chuva, estrondo, balbúrdia, permaneço imóvel, disso tenho total convicção.

02. Por que razão desenvolver então esse tal de romance sinfônico? ... não posso responder com precisão a este questionamento, apenas fui encarregado para exercer semelhante faina de narrador onisciente. São ordens lá de cima. Venho me dedicando, numa diligência perene, diariamente, para deslindar os fatos daqui debaixo com

imparcialidade severa, porém, precisei tirar um dia de folga e tratar de um mal fisiológico vindouro que já me assola a mente por quanta expectativa, praça, Embaixado de Tudo, finalmente o consultório está aberto ... tanto tempo de trabalho árduo que nem me lembrava de como é bonito o entardecer azul cá do mundo literal, romance sinfônico, não sou nenhum tipo de especialista, pouco ruído, sutileza, um rele encarregado, nem frio, nem calor, somente folhas ao vento, tampouco ainda veio a chuva, deveria aproveitar este meu dia de folga e descansar um pouco a cabeça forjada, no entanto, há muito por escrever, muito por desvendar. As cenas permanecem transcorrendo em um tom de simplicidade incontestável, eu não faço a mínima idéia do grau de importância ou carga relevante maior que leva a rotina desses pequenos personagens, pessoas ocupam diversos espaços, inclusive as piscinas de areia, contudo, não consta meu ofício de investigar, esmiuçar, amiudar fatos corriqueiros nenhuns, só narrá-los. Estou sentado num dos bancos. Não necessito usar canetas ou quaisquer outras ferramentas afiadas para registrar os dados colhidos, sou bastante experiente, apesar de minha ansiedade pela chegada da chuva, está razoavelmente confortável aqui no banco, por que eu mexeria um dedo sequer? ... há muito por escrever, se sei que ainda vai demorar um monte a chegar meu horário da consulta? ... crianças correm azafamadas, um ou outro passarinho ameaça entoar um contraponto às folhas melódicas, é preciso dar valor aos dias simples, são eles que

fazem os complicados serem mais complicados. A praça é toda ela circunscrita por ladeiras, para cada lado que se lançam os olhos, vê-se um alicive inclinando a perspectiva em volta, é fácil perceber a topografia de vale que caracteriza o lugar, ainda que não seja possível enxergar nenhuma montanha no entorno, porém ladeiras, entre velhas construções sem colorido definido, umas baixas, outras mais baixas ainda ... e também não é possível adivinhar aonde vai dar o topo das ladeiras, não me recordo se existe topo, cimento, civilização, intenso movimento, mas afirmo que este é um sítio rebaixado porque tenho grande conhecimento no assunto, afinal, atualmente, esta região está sob minha responsabilidade, crianças correm e jogam, jogam, alguns vendedores ambulantes transitam com preguiça ... estou consciente que existem certos personagens antigos cá Embaixo de Tudo, concebidos por colegas anteriores a mim, mas desta vez a vida deles, um dos vendedores traz seu carrinho engraçado e se aproxima, depende de mim. É verdade que não tenho costume de descer na praça, comércio informal, velhas construções formam o perímetro, pra ser sincero, esta é a segunda oportunidade para a qual me permiti tamanho desfrute, logo mais sentirei fortes dores no abdômen, mesmo sendo eu quem assina as ações literais deste fragmento do mundo, não sabia que as tardes eram tão agitadas assim, apesar de mornas, extremamente mornas, crianças choram, talvez sejam cenas de outrora, das quais faltei tomar tino, escritas por outros colegas meus, vividas com intensida-

de, as cenas, ou não ... neste tipo de serviço, é muito importante estudar os detalhes, confesso que residem em mim indolentes estas certas falhas, mas não é hora de perder tempo, há muito por relatar, e isso será apenas um trecho do romance sinfônico cujo sentido, por vir, não me cabe explicar ... somente um trecho, já que só posso me valer deste único dia de folga, depois, devo retornar ao meu posto, lá em cima. O carrinho que o vendedor monitora é realmente engraçado, não acredito que ele possa me oferecer qualquer produto para sanar minha indisposição fisiológica futura, tem uma caixa de som no carrinho, tem uma estrutura que protege as mercadorias de possíveis intempéries, muito esperto este personagem ... me oferece uma bebida, digo que não, estará ele coberto e enxuto no instante da chuva em tempestade, quando ela chegar, eu não. Ouço a canção borrifada pela caixa de som, do carrinho, do vendedor ambulante, da praça ... é agudíssima a voz de quem canta, não entendo o idioma, entender idiomas não faz parte de minha profissão, digo que não. Permaneço atento aos movimentos mais insuspeitos que me cercam, são raros os movimentos sem haver repetição, repetição, pobres as folhas escapulidas, tanto se esforçaram para sonorizar o cenário e descortemente foram, sem dó, suplantadas pela caixa de som, do carrinho ... é impressionante como é potente a psicologia humana ... estou inteiramente parado, estático, no banco, dialogando com um personagem que nem ao menos lembro ter sido fruto de minha imaginação, as coisas seguem

acontecendo, pela última vez, digo não. Sou um simples narrador encarregado dessas linhas, não sou dotado de ciência inaudita reveladora, para mim, o significado das coisas é o próprio significado das coisas, e pronto. Beirou-me por um segundo a vontade de avisar aos outros clientes, que aguardavam atendimento no consultório, a respeito do aguaceiro que está por cair, sei que a maioria deles é de narradores oniscientes também, sei que devem ter lá suas oportunas preocupações em deslindar os fatos, até os menos preciosos, mas será que eles notaram que na praça não há nenhum local onde se possa abrigar-se comodamente, num evento como este ... assim, ficaremos bastante encharcados, e ademais, a copa das árvores já foi demais desmanchada pelo vento que corta a tarde, não servirá de proteção, não se ouvem mais as melodias de minutos atrás, o vendedor ambulante aumenta ao máximo a intensidade do som de seu carrinho, crianças voltam a jogar, jogar, a correr, a chorar, eu não conheço nada sobre espécie de árvores.

03. À porta de entrada do consultório está a secretária, altiva, impoluta, solta o primeiro grito, quem dos clientes ousaria aproximar-se? ... ela estende um dos braços com graciosidade quase que impossível, contornada pelos cachos anelados de seus cabelos, e loiros, e mortalmente sedutores, eu diria ... solta o segundo grito, de uma vez por todas não domino idiomas estrangeiros,

agora um pouco mais alto, alguns se assustam na praça, principalmente os que estão ali apenas a passeio ... a secretária guarda, com sua postura de semi-deusa, o acesso ao consultório, nenhuma senha nos fora entregue, e pelo jeito, nenhuma fila, ou formação típica militar, será organizada, terceiro grito, um dos braços estendidos, acho que vai ser assim durante a noite toda. Não sei o que ela esconde na mão cerrada ... parece uma semi-deusa. Às vezes, aceitar nossas impossibilidades é o melhor caminho para logarmos êxito, não serei eu quem vai arriscar-se a perguntar do conteúdo camuflado, cifrado, guardado em gincana pela secretária, talvez se trate de fato de uma espécie de código, ou teste para escolher os narradores mais apropriados talvez, não tenho essa petulância, talvez, literatura, mistério, quando vem e fulgura o papel impresso de anedota pelo homem, nem a maior das borachas de deus pode apagar, sou um pobre funcionário, não sou afeito a adivinhações, ela brame com todo vigor mais uma vez, dialeto estranho, já perdi a conta dos gritos ... “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão? Quantas bolinhas?” ... seus cabelos praticamente não se movem, emoldurando quadro quase que incrível, preciso anotar esta cena, e tomara que deus não teime em apagá-la, isso ele faz melhor do que ninguém ... “Quantas bolinhas?” ... outro bramido, se muitos vieram pra se consultar, alguns só estão aqui a passeio, no agradável da noite que invade dengosa o percurso prescrito do sol, quase não há iluminação na praça, candelabros sem ornamentos

exagerados, postes não tem, velas comuns não tem, noite azulada, candelabros, neste exato momento, a mãe da família põe um casaquinho em um dos filhos, no entanto, o clima não esfriou nem um grau sequer, continua morno, o outro filho cutuca minha perna, bastante pequenino ele é, cutuca minha perna com insistência mais infantil ainda, pelo que entendo dos gestos sincopados de sua face, acho que está me chamando pra mostrar-me algo descoberto furtivo na piscina de areia, não me movo, ou então quer brincar comigo, família, passeio, quatro membros, o pai lê impassível um jornal impresso pelo homem, não me movo. A criança cansou de me perturbar, foi sozinha em expedição à piscina de areia, pezinho, outro pezinho, esta ainda não colocou o casaco que a mãe lhe trouxera por prevenção, outro pezinho deixa marca sulcada na areia ... até que ela pára, sobressalto, assustara-se com um grilo a ciciar qual enorme rinoceronte à sua frente, vai chorar, vai chorar, mas o pai desfaz-se de sua elegância de leitor, reclama com incontestável virilidade, este por sua vez me era mais simpático enquanto permanecia impassível. Pra que essa família resolveu vir se divertir por semelhantes bandas? Não vêem que não há muito pra gozar? ... a criança agora volta a brincar, jogar com o irmão, ambos estão agasalhados, não me movo. Para mim, não é necessário fingir que sou um personagem como eles, jamais suspeitariam do cargo que exerço, exporei novamente, ainda que já esteja enfadado de falar no assunto, sou apenas um narrador contratado lá de cima, lido com idéias,

imaginação, engenharia de fatos, entretanto, falta-me uma certa dose de controle para reger a contento os acontecimentos, ao passo que minhas criações ganham vida, ou melhor, ao passo que os seres vivos não sabem da existência dos mortos, os mortos não sabem nada a respeito dos vivos, minha função é estritamente burocrática, não sei se existe morte após a vida. Trabalho em reduzida sala de escritório lá em cima, mal conheço quem seja meu chefe ... as duas crianças estão bem protegidas do frio noturno, porém não faz frio, devo continuar esta minha senda, embora seja um dia raro de folga, longe do escritório ermo no qual amiúde me encerro, há muita coisa hoje ainda pra ser descortinada. Os primeiros clientes começam a dar sinais do desconforto abdominal, uns se contorcem com resignação, outros se debatem no chão da praça, tudo leva a crer que não foi descoberto até o momento o segredo contido na mão da secretária, é uma pena, as vítimas que ora se esfrelam com gemidos não são narradores, é provável que não tenham a menor noção do que estejam fazendo aqui Embaixo de Tudo, são completos inocentes, estou começando a me assegurar deste cenário pretenso, acho que vai ser assim a noite toda. A secretária segue linda irradiando sua voz em hipótese, “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?”, ela deve ter nascido no tempo das coisas belas, pobres os clientes, gemidos, gemidos, dor, gemidos, semi-deusa, nenhuma resposta. Outras, que provavelmente nasceram no tempo das coisas belas, são as três amigas. Por en-

quanto elas não se despiram pra tomar banho de chuva, as nuvens ainda não iniciaram as descargas, as amigas apenas cantam com ternura inefável, estilo fugato, os compassos se entrecruzam numa habilidade mais do que acadêmica, são também vozes agudíssimas, como a entoada na caixa de som do carrinho do vendedor ambulante, como a das folhas dançantes, como a da secretária, porém essas vêm revestidas de veludo, estilo fugato, puro e maravilhoso. As três trajam comportadamente vestidos bem desenhados, mas que não favorecem muito os relevos de suas peles juvenis, não importa, já posso atravessar qualquer tecido e vislumbrá-las em pelo, quando cantam se tornam mais e mais femininas, nuas, queria sorvê-las, queria explorá-las, mas garanto que só irei narrar os fatos, nesta mínima digressão laboratorial. Será que elas têm algo a dizer? ... ou vieram justamente armar este simplório coro em cânone tripartido? ... ou vieram por causa da banda sinfônica que logo mais se apresentará no coreto? Não lembro de vê-las conversando nada quando ainda não cantavam. Por que é tão útil assim conter idéias, verter idéias, proferir palavras sustentáculos para se almejar uma intenção? ... neste tocante, o consultório, apesar de já estar de portas escancaradas, permanece vazio ... eu tenho certeza que haverá uma banda sinfônica desfilando seus metais, em breve, em escala, permanece a temperatura absurdamente estável, a vida continua, permanece a questão imposta pela secretária, também posso enxergar através de sua roupa, indumentária de semi-deusa, quão

linda é a harmonia entrelaçada das três amigas ainda sem chuva ... a vida continua, nua.

04. Se a secretária insistia naquela cantilena, toda ela urdida por insólito idioma, e ademais, eu jamais fora provido de nenhum duto saber em línguas, semelhante matéria, como? ... de que maneira então eu entendo perfeitamente o que ela diz? ... braço estendido, mão fechada qual acinte pirracento, cabelo anelado loiro, feição de semi-deusa, como? ... seus vagidos assustam os transeuntes da praça. Alguns dos clientes, coitados, são personagens quase que secundários, não poderiam destarte entender o fio que se sucede cá neste sítio sublocado, geografia de vale, um deles, de tez amarronzada, demonstra medo ao ouvir o tom inquisidor da secretária ... este cidadão, humilde, ainda não começou a sentir as dores agudas, mas não tardará muito e irá também se confundir com os outros no solo ... rastejando, magarefes, coitados, são asseclas impugnáveis diante da impossibilidade de adentrar o consultório, estão deveras temerosos, magarefes, asseclas, sequazes, como? ... se bem que o restante dos cliente, nós, os narradores, também às vezes nos portamos bem subservientes ... quadro pictórico este, escurecendo aos poucos, um átrio central, de relevo em depressão, onde velhas construções desbotadas cercam, num perímetro bastante ortogonal, personagens estritamente normais, eu diria até, maquinalmente normais, debatem-

se contra um mal que sorrateiro vem e lhes assola o corpo, como? ... roubando ali tranqüilidade, além disso, também são obrigados a escutar os guinchos sonoros partidos da petulância deslumbrante da rígida secretária, se ela bradava numa língua intangível, como então eu a compreendia? ... como? Um transeunte passa cruzando a diagonal da praça, cada passo que ele conquista o faz despejar quantidade indecente de barro, não tem aparência suja, maculada ou retorcida, mas vem deixando um rastro já sólido e bolorento conforme caminha, é possível que o barro escorra de suas pernas, não parece ser proposital, intencional ou calculado tamanha peraltice ... vai ele despejando a massa de terra enquanto anda, outro passo, como se esquecesse pedaços de si ao longo daquela simples jornada, atravessar a praça, alheio a tudo, distante ... surge um obstáculo à sua frente, ele não queria mudar seu percurso quando se deparou com a figura da estátua, imensa, opulenta, pensou em transpô-la, será que conseguiria? ... vencer esta contenda? ... tendo em vista o peso improvável o qual carregava furtivo consigo? ... sob sua vestimenta? ... o barro? ... não sabia responder. Voltou a caminhar por mais alguns minutos, agora em círculos, despejando, despejando, outro passo, a estátua era enorme a lhe impedir a passagem, é certo que poderia contorná-la, porém, nem sempre temos consciência do quão irrisórias, fáceis, descabidas, são as módicas batalhas ... pronto. Ele já havia se desfeito de barro suficiente para conseguir enfim ultrapassar o obstáculo, mais um último

passinho ainda ... outra quantidade sinistra de barro ... seguiu em frente, perdi-o de vista. Dia comum. Pessoas iguais. Clientes aguardam o horário de atendimento no consultório, não fazem fila, uns vão repleto da inocência estóica em rotina do vil destino, enquanto provam do incômodo que é agüentar os gritos nada voláteis da secretária, outros, estes um pouco mais fleumáticos, são só narradores. Surge um novo andarilho ... idade avançada, levemente claudicante, seu rosto é a caricatura perfeita de um ancião que se desapegara das tais pessoas comuns, deve ter nascido no tempo das coisas feias. Este não solta barro ou questionamentos portentosos, mas sim histórias. Encosta-se em um dos bancos da praça, conta do caso que o fez escalar um pára-raio gigante. Chega-se devagar, pede permissão pra conversar com um vendedor ambulante, conta do dia em que conheceu o irmão de deus e que não havia por costume inventar enredos. Tinha barba, tinha peito endurecido, tinha aquele ar sereno, próprio de quem migra vindo da cidade minúscula, e os dentes costurados com arame. Aproxima-se até do grilo, deitado na piscina de areia, força uma pretensa dialética ... o grilo é um animal bastante curioso, sobretudo no tocante musical, aliás, rítmico e musical ... o andarilho conta a mais especial de suas parábolas, usa trejeitos, porém não forçados, tem barba, tem um poder indelével de chamar atenção por onde transita, e não seria diferente na praça. O grilo entoia seu mantra. O ancião com certeza viera ao mundo no tempo das coisas feias. O que será que os dois

confabulam? ... percebe-se, aguçando sobremaneira a audição, que o pulso na fala do grilo presente, não é métrico, pelo contrário, é tão minuciosamente incerto que causa sensação de ter sido originado por um algoritmo rico qualquer transcendental, canta o grilo, discursa o grilo, pulso incerto, enquanto o ancião relata, com extrema emoção, a vez que ele trepara com a filha do demônio, deflorando-a, pelo que eu pude captar do colóquio ... era hábito dele deflorar meninas indefesas, inclusive, reafirmava, a filha do demônio. Todavia, não foi este personagem pitoresco o qual mais me impressionou nesta ligeira excursão cá Embaixo de Tudo, mas sim, um homem comendo maçã. Silencioso. Um homem comendo maçã ... talvez o único a não denotar nenhum interesse, nem pelos rugidos da semi-deusa à porta do consultório, nem pelo semblante espremido de tempo passado do velho ermitão, amigo do grilo. O homem chegara calmamente, sentara-se ao pé da estátua que jazia no centro da praça, noite, comia maçã ... não posso precisar os traços exatos de sua fisionomia, não por causa da parca iluminação, consigo sim enxergá-lo com ajuda do candelabro que acompanha lateralmente a estátua, mas é difícil identificar um parâmetro correto para descrever sua silhueta de personagem ... aí eu fracassaria mesmo, sou péssimo em destrinchar as almas. A escultura, na qual ele se recostara, é de um grande índio, flecha, cocar, cara de mau, guerreiro, por que nos conformamos? ... em ponderar? ... sobre os fatos? ... apenas quando achamos a tendência de

controlá-los? Volto a considerar, quiçá por conta agora deste novo elemento secreto, a maçã, que o mundo literal é já um paraíso ... por que os homens? ... não poderiam ser? ... a projeção intuída? ... de uma geração, há um sem-número de milênios, decorrida? Não sei se há diferença, mas algo me diz que, a despeito do céu diáfano do alto, também existe um simulacro qualquer, um firmamento subsolo, estou feliz neste momento, neste meu dia de folga ... neste momento, ouve-se um grandioso trovão, fortíssimo, a partir deste evento todos imaginam que realmente vai chover ... neste ocaso tépido e erradio, e tépido, menos o homem comendo maçã.

05. Idéias não nos pertencem. Ainda que minha sobrevivência dependa de construir esses tamanhos muros codificados de palavra, tanger os fatos, na realidade, não faz, nem nunca fez parte da minha obra. Existe um contrato e eu preciso cumpri-lo com responsabilidade, cláusula, item, assinatura, parágrafo, alínea, assinatura, idéias não nos pertencem, mas os contratos inerentes a elas, sim ... somos portanto seções ou capítulos, nada dominamos. Houve uma fase de treinamento, é verdade, para podermos narrar de forma imparcial os desígnios daqui do mundo literal, mas desde então, fomos nós narradores, vírgula, ponto, assinatura, suprimidos de toda e qualquer intenção que porventura viesse a nos inspirar em devaneios, nada dominamos. A função dos escritórios lá em

cima se restringe a catalisar coisas materiais em vazios, um homem comendo maçã, para isso foi disponibilizada uma enorme quantidade de silêncio para habitar as salas nas quais trabalhamos, o ambiente é um tanto quanto inóspito, paredes pintadas com tintas intelectuais, cheiro acre, uma gaveta isolada sem mesa ou escrivaninha que sejam ... certa vez, lá em cima, ameaçou-se uma rebelião contra esta conjuntura de cenário a nos obrigar exclusiva dedicação, funcionários imotos geram pensamentos imotos, no entanto, rapidamente minaram a força desta vã ofensiva, deram logo um cargo menor de escrivão para o líder do movimento, como represália direta ... como aviso a futuras manifestações insurgidas, silêncio, assinatura, não foi nesta ocasião específica que o chefe resolveu mostrar sua identidade secreta, mas lembro que houve um comunicado da administração justificando o ocorrido, e que o serviço devia continuar, e que o jovem meliante, líder da rebelião, estava arrependido e havia já se conformado com as novas disposições a ele impostas, escrivão, a vista panorâmica do mundo literal é estonteante estando lá em cima nos escritórios, contudo hoje, devo admitir, correm rasteiras, cá na praça, entidades corpóreas demais interessantes, observadas assim de perto fazem-me pensar que a natureza e o instinto humano, parentes íntimos esses dois, não querem de jeito nenhum ser revelados, observadas assim ... o velho andarilho, de perto, o velho andarilho parece um guru e profere um estranho aforismo agora, no qual diz estar no mijo, jorro,

borbotão, a solução para os problemas do planeta, vejo que existe paixão no seu discurso, com certeza se ele fosse um narrador, também se revoltaria com as condições oferecidas a esses profissionais, cheiro acre, paredes de reboco intelectual, enquanto mais uma cena despreocupada ocorre diante de mim, como se me fizesse abandonar idéias num pequeno cesto de roupas, e por um instante, tornar-me até personagem, vejo que existe paixão também nos demais coadjuvantes alinhados, mesmo que calados, esperam, passeiam, um deles come maçã, não há protagonista, a solução do mundo está na urina, repete com sarcasmo o guru ... atualmente a culpa compete aos fantasmas que trazemos trancados no organismo, diz ele, é preciso expulsá-los, somos um meio e não um fim, diz ele, a solução do mundo está no mijo, insiste mais uma vez o guru, já está soando enfadonho, mais enfadonho até do que a cantilena da secretária, esta, pelo menos, é do tempo das coisas belas. Alguns personagens são bastante afeitos a este ar de venerando, não se sabe ao certo o motivo para semelhante disparate. Nós, os narradores, não fomos treinados a depositar erudição em nenhuma criatura, assim como, no desenvolvimento dos fatos lá no escritório, cabe-nos, por prévia autorização, unicamente delimitar conhecimentos ... quem, por acaso, se considera num grau elevado, ou mais apto por razão desconhecida, é de pronto alijado do processo criativo, ou então, bem pior, é rebaixado de cargo ... não sei qual o nível mais raso desta cadeia empregatícia, seriam os personagens? ...

não me recordo de ninguém, em minha memória, que tenha sido transferido a este posto, nem sequer os maiores grevistas dos quais se tem notícia, hierarquia, aceitação, contrato, obrigação, assinatura, transformar coisas corpóreas em idéias ... as idéias são donas, proprietárias da família de quatro membros que passeia na praça Embaixo de Tudo, soube recentemente da informação que eles vieram da cidade média, e seguem interpretando os mesmos movimentos tartamudos ... mimeticamente, os dois filhos quase que iniciam uma briga, entrevero, estão bem agasalhados ... contudo, apesar de eu não ser nenhum tipo erudito, garanto que o clima continua o mais ameno possível. O pai da família de quatro membros destrincha o jornal, qual a uma jaca, fruta viscosa, mal imagina ele que não saber nada, por cópia, imitação, é exatamente igual a ressaber. Sem querer me explicar em excesso, mesmo porque minha outorga não permitiria, tenho vontade de dizer que a humildade, premida aos transeuntes da praça, não só no caso da família, é algo que muito me remete ao dia em que deus sugeriu sociedade com o demônio ... deus parecia estar cansado em gerir as engenharias por ele inventadas, e foi oferecer uma quota de participação para o demônio poder entrar no negócio do mundo, vale a ressalva que não me refiro ao mundo este literal, ao qual deus jamais rogou interferência ... acontece que foi justamente por causa deste arreglo inaudito, e ingênuo de uma das partes, soprava uma brisa fina pela fresta do portão neste dia na casa de

deus, vários narradores espreitavam o embuste do demônio, que surgiram os primeiros conceitos sobre bem e mal, estado bruto, maniqueísmo, depois disso, o homem, até o mais displicente deles, encarregara-se do resto. Por que o guru não vai embora logo? ... não vê que não agrada muito com sua falácia panfletária? ... pra terminar sua última esquete fantástica, ele acaba de mijar em cima do pobre grilo, não há mais o ciciar impreciso a temperar de ritmo a noite, não há mais grilo, por que não volta para o tempo das coisas feias este decrepito ancião?

06. Em meio às velhas construções está situado o prédio do consultório, aspecto moderno, estrutura firme e indefectível, não é muito alto, tal como os demais edifícios das cercanias, e consta de apenas um pavimento ... a porta de entrada resume-se desproporcional ao resto da fachada gorda, estilo impecável, platibandas soltam fachos refletores, na frente do consultório não transpassa nenhuma via de automóveis ou canaleta sequer, já se tem o imediato acesso ao calçadão, praça, átrio, cimento, vão, geralmente desértico, pelos lados vêem-se antigos casarões morbidamente ortogonais a desenharem o mapa no qual me encontro neste presente momento ... são como que submissos os casarões, tanto por uma postura e recorte alquebrado, umbrais retorcidos, ínfimas ameias, quanto pela tez descascada suplicando por altivez, o que faz elevar ainda mais em imponência a elegância distinta do

prédio do consultório ... dever ter sido de fato um acontecimento histórico o soerguimento deste novo promontório urbano, sem falar na sua importância por atuar na área da saúde, ouvi dizer que já pretendem abrir diferentes filiais em outras localidades, ouvi contar que estão se especializando em novas atividades, que não somente o tratamento das dores abdominais ... hoje será grande o fluxo de clientes, pena que a gerência do consultório não tenha como prática distribuir senhas, estou começando a cansar-me da espera, não começou a gotejar a chuva violenta que decerto virá esta noite, sorte a minha que também não fui acometido até agora pelas primeiras pontadas na barriga. Além da secretária, uma tabuleta estranhamente mal feita, tendo em vista os traços irretocáveis da edificação, informa, “Se quiser, aqui ...”, não consigo ler o resto, já que um casal de namorados resolveu estacionar justamente na direção entre mim e o consultório, a inscrição provavelmente tem a ver com a nova especialidade de atendimento oferecida ... é triste ver que alguns clientes estão convalescendo já em sofrimento, e que não há qualquer indício de início das consultas, apesar do acesso estar, relativamente, liberado há quase uma hora, bastando responder à inquirição da secretária, “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?” ... finalmente o casal foi embora, “Se quiser, aqui se cria!” , diz a inscrição na tabuleta, não compreendi, e pra piorar minha situação, acho que acabo de sentir uma agulhada ligeiríssima sob a pele, de pronto, não distingo a qual órgão fora en-

dereçado este golpe tamanho, rápido, cáustico, porém previsto ... seria o fígado? ... ou talvez o rim, o baço? ... não quero criar alarme nem me preocupar na véspera dos acontecimentos, mas se a secretária não permitir logo a entrada dos clientes, algo de terrível poderá se suceder. Todos aqueles que vieram por conta de uma consulta na praça estão dispostos isoladamente, aliás, esta é uma marcante característica dos narradores, a solidão. Surgiu-me de repente a imagem do oceano, mar, vastidão imensurável, um delírio quem sabe causado pela pontada que me afligira tão recente ... submerso no infinito de água, estático, abissal, vai desolado um artista de circo qualquer, é impossível, para mim, neste instante, entender a estrutura desta torpe alegoria, fico com receio quando estes galopes intuitivos invadem minha mente, preciso controlar-me ... a figura do mar diz-me muito sobre solidão, entretanto, delírios hão de ser evitados, matei o artista de circo, não sou encarregado para maiores enlevos de imaginação, cabe-me simplesmente relatar a vida daqui deste vale, onde não há oceanos, somente ladeiras que sobem para um destino furtivo incalculável ... matei então o artista de circo afogado, em decorrência deste pueril assassinato a terra não parou de girar, muito pelo contrário, deuses bastantes desceram ao plano leigo até pra ajudar a engrenar de dentro o globo, compor a sinfonia, fingir contentamento ... neste átimo onírico, bailaram em minha cabeça diversos nomes divinos concebidos, todos pomposos, todos resolutos, não é fácil conceber os no-

mes, quanto mais para os deuses ... chega de delírio. Peço desculpas caso tenha parecido irresponsável com meu dever, mas confesso o fardo pesado da solidão, cuja principal conseqüência, teima em inclinar-me a estes desvios de fé, de catarse, de regalo, de fé, de fruição, sei que é hora de voltar ao trabalho, embora a licença médica pudesse me eximir do serviço, embora a canção da tempestade em breve venha destruir meus pensamentos. O homem comendo maçã permanece solitário também, sem exigências, por enquanto este é o único sinal ao qual tento me agarrar para expressar sua inusitada personalidade, dá uma mordida lenta na maçã, são espaçadas, quase preguiçosas, as mordidas, mastigar então, mal se percebe, sua feição segue imóvel ... farei uma breve pausa para ver se me permito partilhar com ele toda essa leveza de espírito, pausa, maçã, outra mordida, continua a pausa, ele não é cliente, não veio a passeio, come maçã, não faz exigências, sentado ao pé da estátua, não presta atenção ao andarilho, não presta atenção à secretária, não pretende ser protagonista, fim da pausa, tudo ao seu redor orbita como se o tempo estivesse em função do tempo, não havendo espaço, turbilhonando, gerando um campo magnético sorrateiro ante os seus gestos discretos, ele é apenas um homem comendo maçã ... bem devagar, bem devagar. Atrás dele, a estátua do guerreiro o ameaça como que perguntasse do pensamento alheio, até a estátua demonstra mais dinâmica que o pobre homem, curiosamente, tenho a impressão que o material com o qual fora escul-

pido este monumento é o mesmo da tabuleta do consultório, contudo, se o índio tivera sido entalhado com total esmero de detalhes, flecha, cocar, à placa não foi merecida nenhuma deferência especial, mal acabada, destoante, solidão, a maçã agora descansa suculenta na mão do homem, belo fruto, carnudo, farto ... “Se quiser, aqui se cria!”, diz a inscrição na fachada do consultório. O que pensa o outro? ... as três amigas cercam o homem, usam um tom de chacota ao se dirigirem a ele, entoam uma trova deveras grotesca ... uma das amigas é da cidade minúscula, as outras duas são da cidade gigante, ainda não defini quais serão os nomes delas, mal posso esperar quando estiverem completamente despidas e úmidas a contornarem no eixo ... mas este é um assunto pra daqui a pouco, e ademais, não é nada fácil conceber os nomes.

07. Chegaram os instrumentos da banda sinfônica. Eles descem em curso uma das ladeiras ao redor da praça Embaixo de Tudo, e embora sejam tantos, obesos, magros, opacos, luzidios, ainda não fazem barulho algum. Era mais de se supor que este fato desencadeasse uma onda de intriga na região, visto que nada lógico parecia ser, avistar aquela hoste musical desfilando com garbo entre as árvores esquálidas, já desfolhadas, rumavam sozinhos os instrumentos, um violino amagentado vinha na dianteira com seu arco em riste, ao seu lado, um tarol ... não emitiam sequer voz de comando. Pouco a pouco

foram permeando o local sem serem abordados por ninguém, nem mesmo pelas crianças, estas mais preocupadas em salvar os grilos pra não se afogarem nas traiçoeiras piscinas de areia. Na retaguarda vinham os maiores, uma tuba tão lustrosa que refletia um bocado em potência o lume dos candelabros, um contra-fagote bastante sisudo, uma grande-caixa, ou bombo, que fingia, com sua baqueta burlesca, movimentos frenéticos, antes mesmo do ensaio começar no coreto, mas não causavam eles nenhum estardalhaço por enquanto, o máximo de desordem, depois da chegada triunfal dos instrumentos musicais, sem seus respectivos instrumentistas, ocorreu quando um vendedor ambulante resolveu, talvez precavido, aumentar absurdamente o som no seu carrinho de produtos ... as árvores tremeriam com a estupidez dessas novas, e agudas, e mal-vindas, e estridentes frequências sonoras, porém as árvores já iam inertes, escassas ... suas plantas tratavam agora de atapetar servilmente o chão da praça, onde alguns clientes desesperados já quase beiravam a morte, onde neste exato momento pisam imponentes os integrantes não-vivos da banda sinfônica. Após eles se acomodarem no coreto, ouviu-se um boato de que os músicos estavam, sim, presentes para o ensaio, mas eram muito pequeninos que se escondiam por trás de seus próprios apetrechos ... existia uma flauta de êmbolo enorme, é verdade, porém, imaginar alguém camuflado sob o contorno delgadíssimo do flautim, já era exagero, os músicos eram muito pequeninos mesmo. Acho que esqueci

de mencionar o relógio nesta história, está quebrado, por isso devo estipular com minúcias meus passos pra não chegar atrasado amanhã lá em cima ... o tempo no mundo literal corre perseguindo os desejos, e não o contrário, o relógio, apesar da inutilidade de seus ponteiros, é figura assaz importante neste cenário atual, por culpa dele os clientes ainda não começaram a reclamar do atendimento, quebrado, ponteiros, demora, quebrado, desejos, ponteiros preguiçosos, bem diferente da agilidade dos vendedores ambulantes que trasladavam em caos, agitando o comércio informal ... visitam todos os bancos, todas as piscinas de areia, onde geralmente só há grilos e crianças ... lhes oferecem balas sortidas, os pais normalmente agradecem mas negam, aliás, não vi nenhum desses comerciantes negociar um produto sequer, balas, bebidas, badulaques, um deles, aquele do carrinho com caixa de som e cobertura contra a chuva, é o mais alvoroçado de todos, viu-se nervoso quando percebeu a banda sinfônica adentrar seu perímetro de trabalho, foi por esta razão que ele elevou às alturas a canção tocada em modo menor, melancólica, parecia que houvera sido composta, a canção, por aulos estridentes demais, desproporcional, é possível que fosse a intenção do vendedor roubar a atenção dos instrumentos que desfilavam calados, talvez ele vendesse também algum material sobre música no seu carrinho todo incrementado, no entanto, o mais relevante que conseguiu foi irritar uma senhora, sobre cuja bengala pendia praticamente o peso do universo ... este foi o início da

confusão. A senhora, idosa, curvada, encaracolada por xales, tentava protestar contra semelhante despautério, e que não era surda, e que não era velha, e que a praça deveria ser um lugar democrático para quem dela quisesse desfrutar, clima agradável, infantes, idosos, a senhora bate com a bengala no carrinho do vendedor, dentadura, encaracolada, não era surda, mas este continua muito afoito em negociar suas mercadorias, pelo jeito, hoje não vinha sendo um dia nada lucrativo, noite a dentro, relógio parado, outras pessoas se juntaram ao protesto, ameaçando destruir a caixa de som, será que não sabiam do ensaio, que em breve iria decerto incomodá-los muito mais? ... será que esta confusão então instaurada não tinha um outro propósito o qual eu não consegui identificar? ... até mesmo alguns clientes que já sentiam dores, partiram para agredir o vendedor, por sua vez, este, agora um pouco alarmado com a situação claramente desfavorável, buscou abrigo, proteção, guarida, atrás da estátua, não pretendia de maneira alguma desfazer-se de sua estratégia de venda, soava uma parte da canção bastante áspera, com acordes pessimamente orquestrados e mais sustentados do que poderiam suportar os ouvidos alheios, eu seguia sem entender a origem da língua cantada, por que este idioma eu não decodifico, e o embalado pela secretária sim? ... talvez seja porque eu queira entender o que ela, semi-deusa, dourada, à porta de entrada do consultório, tem a dizer, ou quem sabe eu já tivesse a ciência da frase repetida por sua linda boca em épocas passadas, não

me lembro. Quando fiz o primeiro teste para poder cursar a carreira de narrador, recordo-me que houve uma questão a respeito de auto-conhecimento, perguntava-se na prova, de onde provinha minha fé, ou qualquer coisa do gênero, é provável que eu não tenha completado este quesito, pois até hoje jamais me considerei suficiente para diluir minhas próprias inquisições, posso não ter um caminho de fé dentro de mim na realidade, mas eu sei que, graças a outros tantos atributos, fui enfim admitido no plano de treinamento para narradores, sou bastante experiente, e é por isso que estou aqui neste momento ... neste momento, o ousado vendedor ambulante decidiu arremessar o carrinho sobre os transeuntes que já o acuciavam, voou produto pra todos os lados, balas, bebidas, badulaques, uns livros encapados com zelo mais do que insuspeito, e por incrível que pareça, a caixa de amplificação do som permaneceu intacta depois de ter desferido uma parábola disforme no ar ... até descansar junto ao banco de um narrador, impassível, fleumático, este ajoelhou-se, munido de gesto desconcertantemente educado, e moveu o botão de regulagem para baixo, a melodia tornou-se inclusive mais suave, modo menor, era o fim da balbúrdia ... a pobre senhora havia caído ao pé da estátua, tinha dificuldades para se erguer novamente ... um homem comendo maçã, que assistira a tudo sem pestanejar, não desprendeu qualquer esforço para ajudá-la, onde foi parar a bengala da velha? ... enquanto isso, os instrumentos da banda sinfônica se organizam compassadamente

no coreto sem teto, ensaio, ouve-se uma nota fortuita entoada pela clarineta, o coreto não tem teto, os músicos que carregam os instrumentos só podem ser microscópicos ... outra nota, desta vez do oboé, agora uma escala de tons inteiros, também do oboé, ouve-se um aplauso encabulado, mas ainda não começaram a ensaiar, ouve-se um boato, perto de meu banco ... dizem que vão denunciar este tamanho desatino, como podem instrumentos musicais transitarem desacompanhados por estes logradouros públicos? ... como os músicos, se eram tão pequenos, suportam o peso das tubas, bombardinos, grandes-caixas ou bombos, sem falar no contra-fagote sisudo? ... este inconformismo me traz referência ao tempo das coisas feias, quando vivemos numa febre de engajamento e de reportagens contumazes lá nos escritórios ... chegou a ser o cargo mais almejado, o de documentarista, achei que esta postura estivesse fora de moda. Qual o problema se não existem pessoas para executar o repertório da banda sinfônica? ... eu garanto, logo mais, antes mesmo da chuva precipitar-se, o ensaio começará. Mais aplausos incentivam a orquestra fantástica montada sobre o coreto, o violino agradece com cortesia, movendo habilmente seu arco em sinal de liderança, muitos outros violinos o imitam, violoncelos, contra-baixos parrudos, quem mais aplaude aquele princípio de algazarra é uma das três amigas, vou chamá-la de Piuz, ela passara a infância inteira na cidade gigante e morria de expectativa só de pensar em ver um dia uma apresentação da banda ... hoje, ela se

considera mulher, usa um vestido bem gracioso não muito colado ao corpo, aplaude, finalmente irá presenciar o maior evento de sua vida, será que ela poderia cantar também? ... aplaude, aplaude, Piuz não é a mais bonita das três, mas com certeza, é quem demonstra maior segurança no olhar, mal se contém de tanto que vibra com o som do saxofone, nunca escutara semelhante doçura em toda sua existência na cidade gigante, ainda mais assim, tão de perto, aplaude, mal se contém, desmaia ... de tanto que vibra com o som do saxofone, Piuz. A outra amiga, que também veio da cidade gigante eu vou chamar de Mian. Daqui a poucos instantes, quando a luz do relâmpago estourar no céu, Mian ficará cega ... alguns podem achar curioso o fato do relâmpago surgir depois do trovão, o qual anunciara a tempestade mais cedo, não obstante, é consequência do relógio quebrado na praça, não é falha de minha parte. Pobre de Mian, sempre fora conhecida nos seus anos de colégio pelos seus olhos ardidos que lhe cobriam, untavam, preenchiam a pele, da cabeça aos pés, feita de olhos, Mdre era acostumada a viver idealizando as coisas, como se sua verdade fosse algo invariavelmente por vir ... este comportamento específico é bastante comum na cidade gigante, sobretudo pra quem nasce no tempo das coisas belas, é uma pena que tenha que ser desta forma futura seu final, Mdre, mais tarde tentarei retocar este seu nome, termina repleta de escuridão, seus olhos milhões que antes vislumbravam o infinito, só verão o muro opulento, interminável de nada, só

lhe resta cantar, nesta hora, a chuva cairá sem piedade, sua voz tímida desenhará um lamento impressionante enquanto se abraçam as três amigas, foi muito bom pra ela ter vindo assistir ao ensaio da banda, mas agora está cega, tem medo.

08. O vendedor ambulante recolhe uma a uma as mercadorias esparramadas pelo chão. Invólucro plástico verde-musgo lacra as mercadorias, alguns dos invólucros se romperam com a queda, há de se remontar o carrinho e voltar a vender os produtos na praça. Todos os vendedores estão devidamente uniformizados com trajés bem claros em verde- limão, adornados com pequenos detalhes, bordados, logomarcas na mesma cor verde, desta vez do mar. Padrão. São organizados em sindicato, através do qual podem fazer valer seus direitos no comércio informal, podem votar, podem reger ... escolheram, este irrisório entreposto como mercado consumidor, mas não sei se esta é uma boa opção, mesmo porque, ainda que aumente o movimento de pessoas com a trilha sonora iminente, não acredito que estejam lá muito interessadas em comprar nada não. Verde- ferrugem ... são as folhas que colorem qual alfombra o vale desgarrado neste sítio, não há bosque na praça, não há jardim, os narradores permanecem todos sentados, cada qual em seu banco, enquanto outros clientes já se desesperam sem poder imaginar qual seja a resposta certa que tanto obriga a

secretária ... ela está coberta por um manto de semi-deusa com flores pueris em variados tons, grita, verde-relva, verde-íris, grita, verde-fruta, verde da copa das árvores quando eram saudáveis, mas agora as árvores vão magras e muito pouco se movem, como os narradores, será que algum deles também já sentiu qualquer sintoma como eu? ... engraçado, nós narradores nunca fomos organizados em sindicato. O vendedor repõe os produtos no carrinho, sua caixa de som não incomoda mais os transeuntes, até por isso, os outros comerciantes, que antes estavam receosos de tomar parte na querela fugaz, voltaram a anunciar, alcançado timbres purulentos, suas infalíveis promoções ... embora hoje o dia não pareça cá muito favorável para eles não ... badulaques de todas as espécies, oferta, última chance, quem vai querer, a barganha é sempre um jogo nostálgico de sedução, como se fôssemos tencionados a ceder, sob o risco de jamais viver oportunidade igual, este é o cerne de muita campanha comercial ... não sei até que ponto o desejo controla nossas ações. Padrão. Os vendedores seguem caoticamente, de uma esquina à outra, sem sucesso. Já disse que a maioria dos clientes é composta por narradores, já a maioria dos narradores é de biógrafos, seus bancos, próprios assentos, dia de folga, vieram se clinicar para obterem uma sobrevida, quem sabe, escritórios, para controlarem melhor suas atividades, para manter a fama de hipocondríacos ... ou só para conhecer a secretária talvez ... no final, não terá muita importância o motivo da visita deles, é inegável que serão

os que mais sofrerão quando de vez se instaurar a revolução dos pâncreas. Eu não sou um biógrafo, estou contente pois o agulhão não voltou mais a me afligir, revolução dos pâncreas ... pobres os narradores biógrafos, eles também estão reféns a seus bancos, como eu, mas não têm por costume observar a dinâmica do macrocosmo, não varrem grandes distâncias ou sequer almejam entornos maiores que seus próprios personagens, acho que ninguém ainda percebeu a presença do homem comendo maçã, pra dizer a verdade, meus colegas não dão nenhum indício de que estão relatando fatos, nem escrevendo qualquer tipo de roteiro para o trabalho, devem estar aproveitando a folga para descansar, devem ter destinado este mísero recesso para se preocupar consigo, enfadados que estão de contar casos avulsos. Certa vez, ouvi dizer que os biógrafos haviam arrancado suas próprias cordas vocais e, em motim funesto, plantaram-nas num terreno arrendado que só eles tinham conhecimento no mundo literal, acreditavam que tal empenho, sacrifício, afonia ajudaria bastante a compor a música subliminar. Os vendedores ambulantes disputam uma cantoria falada, péssima prosódia, formando um conjunto pífio demais se comparado até mesmo com o grunhir reticente das crianças chorosas, vazias de fome. Esta não é a música subliminar à qual me referi. Não vi o momento exato, mas pelo que pude supor, um adulto, com um decisivo ataque, fez abrir uma fenda sob seus calcanhares ... buraco, cratera, quase fora do meu campo de visão, o certo é que este

adulto resolveu arrecadar o choro das crianças e lançá-lo nesta vala subterrânea, no início, os jovens se amedrontaram, mas logo entenderam como mais uma de suas brincadeiras, e, eles mesmos faziam questão de depositar o choro, lamúria, carpir no buraco, além do que, não teriam dano algum nas cordas vocais ... é uma pena que o corajoso indivíduo adulto não pudesse proceder desta forma com os vendedores ambulantes ... a propriedade intelectual encerra sua própria ausência já na sua definição, no entanto, se propusessem semelhante acordo com aqueles comerciantes, eles se sentiriam roubados, lesados, preferem então a inútil marcenaria desencontrada de anúncios, cópia, plágio, direito, todos eles vendem a mesma linha de produtos, direto, direito, ensacados por embalagem verde, e são representados constantemente por um sindicato legal quando necessitam gozar ou reivindicar os seus direitos, musgo. Eu poderia ter previsto que isto aconteceria, os clientes mais inocentes, vituperados pelas dores insuportáveis, os olhos se lhes escapavam, saltando da órbita ... eles não teriam condições de agüentar mais por muito tempo, começam a se dirigir, trôpegos, na direção do buraco, enfim tomaram uma decisão definitiva, inocentes, magarefes, ao invés de arriscar a sorte numa consulta prometida ... por quem ninguém sabe. Pulam no buraco. Quando caem, competem espaço com o choro das crianças ao se chocarem nas paredes da cratera, aproximam-se mais e mais clientes na beirada da depressão improvisada, rastejam, pretendem se matar? ... ou é sim-

plesmente tão angustiante assim a dor abdominal? ... rastejam, rastejam, ou sonham encontrar um atalho escondido que dê acesso ao consultório? ... pulam. Quando caem, curiosamente, quanto mais profunda se torna a fenda, mais eles escutam, inocentes, esperançosos, magafes, o eco retumbando em seus corações, estes ficam logo a cima das entranhas, uma voz, “Quantas bolinhas existem aqui na mina mão? Aqui na minha mão? Minha mão?”, porém não acredito que seja esta uma trilha alvisareira ou portal de nenhum gabarito, e mesmo que os fosse, duvido que a secretária não tivesse o cuidado de trancar a escotilha.

09. A porta do consultório é pesada, mas está aberta, não demandaria grandes esforços para quem quisesse transpô-la, secretária, protege, e não se avistam outros funcionários nas proximidades, cimento, pelo jeito será perenemente rarefeito o fluxo de atendimento varando a madrugada a dentro ... não haveria nenhuma razão para existir um túnel secreto ou escotilha que permitissem uma via distinta ao consultório, senão a gerência teria concebido mecanismos bem mais resistentes para selar a entrada, no entanto, somente a secretária, loira, protege, semi-deusa, guarda com responsabilidade irrestrita o acesso, exigindo uma básica resposta para sua questão, braço estendido, mão apertada, apesar de sua galante soberba, ela não é menos frágil em relação a cada um dos

clientes que aguarda, sem fazer filas, um horário de consulta na praça, respeito. Entre os clientes, existe o grupo dos narradores deprimidos. São profissionais de comportamento exemplar, cumprem as ordens de modo até perfeccionista, nunca atrasam e são afeitos à prática da meditação. Alguns iniciantes, geralmente, pensam que é fácil chegar ao nível de concentração dos deprimidos, mas, conforme os treinamentos vão adensando e outros surgem os primeiros sinais de concussão mental, fica claro que esta é uma faina estreita a profissionais dotados de talento inato. Quando eles estão presentes, não custa muito identificá-los, pois trazem amiúde aquele olhar enviesado, oblíquo, de quem anota, cena a cena, o descarilar do mundo, mas jamais levanta a fronte ao dispor de fúteis acareações ... e garanto que não seja por falta de coragem, esta é uma técnica apuradíssima, cujo arcabouço, os deprimidos costumam aprender nos seus estágios de reclusão realizados na cidade minúscula, meditação, esgueira, técnica, deprimidos, profissionais, cidade minúscula ... onde mais eles encontrariam exílio melhor para exercer as funções atribuídas? ... onde a nostalgia deles, caráter este indispensável para ler de bom grado os fatos voláteis da vida, seria tão valorizada, imantada, potencializada, como num refúgio sereno e extremo, pacato e minúsculo? ... a cidade, pode-se afirmar, não tem sequer dimensão, nada cresce para os lados, nada cresce para cima, porém seus moradores são cidadãos bastante criativos, talvez seja essa condição escassa das coisas o

que lhes proporcione tamanho poder inventivo, ao ponto das cabanas, nas quais residem, por vezes assemelharem-se ao supra-sumo das habitações ... cabana, criativos, escassos, cabana, cabana, cabana, nada cresce, é lá o lugar preferido dos narradores deprimidos, eles são os únicos, dos que trabalham lá em cima, que ganham essa regalia de deixar por um período largo a rigorosa rotina gerida nos escritórios. Nós não temos o hábito de acompanhar a produção dos colegas, mas pelo que eu já escorreguei a vista sobre o relato de um deprimido, trata-se sumariamente de matéria triste, ritmo arrastado, desprovido de pulso, embora tudo isso tenha me causado bastante diversão ... trouxe até na bagagem um desses exemplares enquanto viajava para aqui Embaixo de Tudo, praça, noite acachapante, existe um monte de clientes biógrafos, estes macambúzios, existe um homem comendo maçã, quase que despercebido, mergulhado no meio das engrenagens de transeuntes que circulam, piscinas de areia, bancos, e existem os narradores deprimidos com seus olhos de soslaio em posição estrategicamente contorcida, observam, catalisam, não é falta de coragem, a técnica deles pode tender ao incompreensível, mas posso assegurar, por incapacidade própria, que é algo apuradíssimo de se lograr. Um deles, de súbito, se apaixona pelos olhos radiantes de Misa, por enquanto será este o nome dela ... tem meiguice inoculada nos gestos, seios bem comportados, causa furor por onde passa com seu pigmento castanho que rebola, grandes glúteos ... apesar

destes últimos, foi seu múltiplo olhar o que fez despertar a paixão no narrador deprimido. Nesta ocasião, ela ainda não estava cega. Ele não tinha permissão para interagir com aquela personagem. Misa era dançarina ... tinha consciência da força absoluta de sua pele untada por pupilas oculares, brilho, castanho, grandes glúteos, e usava de todos os artifícios sutis de sua falsa timidez para seduzir quem quer que fosse, era dançarina ... quando uma vez deixara a cidade gigante, para participar de uma trupe itinerante que percorria o mundo, Misa bebeu perfume, não existiria um só homem na face terrestre, habitat esse desnorteante, que não se entorpecesse ao vê-la dançar, olhos, olhos, glúteos, castanho ... a companhia proporcionou tardes de enorme euforia com os espetáculos mais fantásticos que o público poderia conceber, no tempo das coisas belas, ela era anunciada como atração principal, Mand, nesta época se chamava Mand, nessas excursões à cidade minúscula deve ter conhecido um sem-número de narradores deprimidos degredados, com os quais, talvez, tivesse mantido relações, senão carnavais, olhos, apenas contemplativas. Agora, o narrador em questão, quase pendendo o queixo contra o tórax, tenta lançar um míssil na direção dela, mas esta virtude não lhe cabe, nem jamais seria facultada para nenhum profissional desta estirpe ... eles são perfeccionistas demais, meditação, refúgio, não foram capacitados ao jogo da conquista. Mand, ou Misa, ainda não me decidi, além de fruir, nas suas viagens com a trupe, das mais diversas experiências, e dar

seu corpo, e vibrar de deslumbre por movimentos mais leves, também conheceu Fain quando de uma visita à cidade minúscula. Fain chorava num canto, despida, baixinho, foi acolhida com inefável ternura pela futura amiga ... não tinha assistido ao espetáculo da trupe, não tinha a menor noção de como havia chegado ali, despida, canto, chorava, se chamava Finb, baixinho, sua boca tremia intumescida, pouco carnuda e violácea, tinha as pernas estreitinhas, não era dançarina ... Mand a recebeu nos braços, quis saber da boca que tremia intumescida, e, sem mais ponderações, levou-a consigo agarrada às costas, em caminhada insólita até aportarem na cidade gigante, isso porque, a companhia de dança não esperara por Misa e seguiu em frente seu destino, recortando mapas e povoados, remetendo as mesmas ilusões. Enquanto Finb cochilava hospedada por sobre o pescoço de sua companheira recente, ouvia a promessa que não mais lamentaria o fio da vida, e que ninguém faria mal a ela a partir de então, então, cochilava despida, estava protegida ... Misa era forte, olhos, pele, porém, veio aniquilando o relâmpago contra o orbe noturno, praça, hoje, alguns candelabros, e ela, que tanta comoção sabia surtir nos outros, ficara cega, sem visão, de repente. Pra completar o tom do infortúnio, Plui acabara de desmaiar ... quem agora iria proteger a frágil menina oriunda da cidade minúscula? ... se chamava Fnua, apostado que não seria um homem comendo maçã, se ele nem sequer ajudara, ou fez menção de pie-

dade, compaixão, altruísmo, complacência pela velha, nem tampouco a ajudara a soerguer ... ou levantar.

10. O cachorro ladrava. A andorinha gemia, no dia em que Frin veio ao mundo. Só. Afora esta breve passagem, a respeito de sua história, ninguém de nada mais suspeita, o cachorro ladrava mais alto que a andorinha, quando ela nasceu no regaço da cidade minúscula. A partir daí, presumo que tenha se dedicado bastante aos estudos, compêndios, biblioteca ... afinal, como ela conseguiria adaptar-se tão rapidamente assim aos trâmites complicados de um distrito bem mais desenvolvido? ... andorinhas não gemem na cidade gigante, Frin somente estudava ... matérias velhacas que se lhe aglutinavam, quiçá também fizeram inchar os seios volumosos, mas pra que tanta leitura? ... se ela jamais poderia supor que se mudaria de residência? ... em que utilizaria tanta informação? ... presumo que Fain morava numa das cabanas, muito modestas, e que o único conflito que de antemão a afligia, era o fato de nunca ter tido habilidades com rimas, nunca melodiara um versinho sequer consoante, mesmo assim, ela não titubeou quando Miia a pôs sobre as costas, seqüestrando de vez as reminiscências da cidade minúscula, neste dia ela estava nua, amiudada, não sabia fazer rimas, foi o único assunto que cogitou falar com aquela simpática forasteira que lhe abordara num canto qualquer ... em que utilizaria tanta informação? ...

bula de remédio, compêndios, biblioteca, não possuía mais nenhum dado histórico que comprovasse a libido escondida secreta em seu dorso frondoso, talvez com o passar dos anos viesse a se lembrar ... aceitou fugir com Miiia. Um pouco antes desta época, no tempo das coisas feias, nesta mesma região, vivia ainda jovem o guru fa-lastrão, costumava rir largamente sem contudo mostrar os dentes, já eram amarrados de arame os dentes do guru, habitava uma gruta, lapa incrustada numa corcova periférica do vilarejo, de um lado dispunham-se as cabanas, todas discretamente paramentadas, do outro, acho que passava a estrada. O ancião impunha medo na comunidade. Resolveu ser andarilho. Destruiu a gruta. Fora acusado em diversas situações de iludir o povo, por conta dos conselhos inusitados que ele, sem cobrar nada que não fosse comestível, tecia e pregava à revelia de qualquer instituto de psicologia, ou órgão controlador do município, gruta, estrada, andarilho, comezainas ... o guru já tinha feito um ótimo estoque de mantimentos quando decidiu seguir viagem por outras paisagens, mas depois, eu descobri que ele ainda alcançara o rebento de uma certa menina chamada Frin, pelo menos era o que parecia o registro impresso nos peitões macios dela ... ela cresceu, soube que se conheceram no mesmo dia em que a gruta foi demolida, aliás, vale dizer que este ancião, principalmente nesta fase etária, adorava inocular uns maldi-zeres aqui e ali durante suas conversas com o povo, contudo, acredito que criar polêmicas seja risível, o difícil é

dirimi-las. Mssa apresenta Fabi a Plui, dava-se assim o início da saga das três amigas na cidade gigante ... não sei porque elas queriam, precisavam, careciam vir hoje à noite na praça para assistir ao ensaio da banda sinfônica? ... enquanto não começava a lista de músicas, elas cantavam um doce cânone, bastante ornado por serelepes floreios em coloratura, Fabi era a mais alegre, quando iria imaginar tamanho enlevo? ... enquanto a enxurrada não vinha, houve prazo para Mssa cegar os olhos e Plui desfalecer ... pobre Fabn, não se considerava muito talentosa como solista, e além disso, não aprendera ainda a construir danadas rimas. Passa um anão desinibo cortando a praça, tem um calombo inacreditável no centro da testa, o anão, tenta arrancar prosa dos demais transeuntes, traz uma felicidade um tanto quanto forçada, o anão, desinibido, dissimulado, tem um calombo inacreditável no centro da testa, fala qualquer coisa para Frin que não pude entender direito, mas noto que não a deixou nem um pouco contente, justo agora quando ela já estava afinando melhor o contorno do trinado, ária, cantata, vendedores ambulantes atrapalham ... no mais, nenhum sinal do maestro para reger o ensaio. As crianças, a essa altura, inventam os mais variados tipos de brincadeira, peleja, os pezinhos chacoalham com inocência ao formarem uma roda de ciranda. A garotinha arremessa uma pedra, violentamente, voa rente ao arco do índio representado na estátua, vai longe a pedra ... lança outra, desta feita acerta em cheio o rosto da secretária. Qual a causa de semelhan-

te acinte atribuído à inútil menina? Não acho que nenhum de nós, os narradores, muito menos os outros clientes, poderiam responder a essa quizila ... somos amiúde dominados pela idéia, e não a distinguimos entre o emaranhado de cenas reincidentes, coincidentes que é a nossa mente. A obra é quem gera o artista. Organização. Alguém, lá em cima nos escritórios, deve ter mancomunado este trecho vândalo da inútil menina, são comuns as inge-rências nesse ramo de ofício, são vazias as salas dos escritórios lá em cima, será que na gaveta havia alguma pista para a charada proposta pela secretária? ... ela é tão bonita, enfeitada com flores majestosas, loira, tempo das coisas belas, mas agora ela suspendeu por um instante a inquisição, retraiu o braço, levou contra o coração a mão ainda cerrada, um objeto desconhecido chocou-se sem respeito à sua face formosa, apesar de semi-deusa, a secretária não tinha uma vida lá muito agradável. Precisara lutar muito para chegar até aquele posto, nesta noite, todo o processo de atendimento dependeria dela, do seu crivo, sua anuência, aquiescência, volta a perguntar mais uma vez em alto e bom som, ela era deveras responsável, e se já escapara inclusive dos galanteios aliciadores de incontáveis narradores, mormente dos deprimidos, os quais a reputavam como musa divina, não seria um tosco pedregulho que iria dissuadi-la de sua austera função, severa, linda, empertigada, volta a gritar o mesmo refrão sobre as bolinhas, dizem alguns exaltados que ela cedera apenas às súplicas sensuais do nosso ditoso chefe, mas quanto a

isso não posso afirmar nada, já que muito simpatizo com a pessoa dela, e ademais, nunca vi em minha frente o semblante do chefe ... só cumpro as ordens. Uma lágrima escorre ao lado da boca da secretária, idioma estranho, fraqueza, loira, imponente, fraqueza, fraqueza ... finalmente ela deixou denotar um traço de humanidade, grito, pergunta, crivo, não tinha uma vida lá muito agradável. Só então desvendei a trajetória do primeiro bólido feroz que partira da mãozinha da inútil garota, lançado, abrupto, fere a unhinha dela, coitadinha, feroz ... foi quando adentrara o descampado, o anão, vinha trespassando com seu ar desinibido, bonacheirão ... a importunar os personagens contingentes, ele recebeu sem surpresa a pancada rochosa amassando-lhe o crânio, o anão, agora, enquanto interpela uma desolada Fain a entoar em solo sua ária triste, sente que o calombo adiantara-se com relação à testa, o anão, agora, bonacheirão ... compreendi afinal o que ele pronunciara a Fain. Acusara-a de nariguda. Melhor dizendo, há muito que ele se comportava desta idiota maneira leviana, e imatura, e além de anão ... cruzava qualquer pessoa e logo chamava, como se reconhecesse um velho companheiro, o indivíduo de narigudo, boa noite narigudo, olá narigudo, de teor artificialmente cômico, gracejava com o corpo, o anão, e além de anão, defeito este bufo por teimosia, ele até que possuía um nariz, respirador, ventosa bastante saliente também ... e todavia, como vai a vida narigudo? ... ele sabia o quanto esta sua anomalia era muito mais notada, causando ruído

imenso a ponto de disfarçar o nanismo, anão, anão, narigudo, do que sua própria estatura reduzida ... se valia de tal chiste inconveniente, ao se comunicar com outros mais normais que ele, pra quem sabe demonstrar uma crítica, hipótese pior contra si, quem sabe como proteção prévia, não se misturava às crianças ... tem medo que o possam trocar, confundir ... mas se uma delas atravessasse o caminho, não pondera, olá narigudinho, dispara o anão. Foi quando adentrara o descampado que ganhou o grave hematoma na cabeça, já era habituado a esses acidentes, alegria, passeio, embalava um assobio agilíssimo qual tilintar de bola de gude ... alegria, passeio, assobio, via-se o fundo do céu refletido no rés da praça, fazendo lembrar, comparar, associar a um grande espelho espraia-do na planície terrestre, ou simplesmente, ao mar, entidade dessa especular que parece querer absorver para sempre o firmamento ... já é tarde, o zênite interpreta de forma acolhedora um belíssimo lençol sobre o mundo literal, num dia quase esvaído e comum desse vale quão desprezado pelo dedo de deus, como é ágil o anão ao assobiar ... aproxima-se de Fain e acusa-a, sem qualquer pudor, de nariguda, como canta bem a jovem nariguda ... e ela, que por pouco não se desprendia do solo de tanto prazer na voz, fica deprimida, cala, emudece, recorda os anos inteiros gastos com estudo programático, deprimida ... pra quê? Fain se sente de novo solitária.

11. Imutável. A temperatura sequer oscila, morno, tépido, cai o sono de mais esta jornada, aprazível. Apesar do clima este arteiro de brandura, a prole da família de quatro membros está bem protegida contra o frio, dois filhos, cortante, ferino, qual espremedor de almas, glacial, eles vestem seus agasalhos de lã pra não sofrerem com as intempéries peculiares ao inverno ... inexistente, são comportados os garotos, um revela uma vontade, inusitada para a tenra idade, de calcular coisas, quantos grilos? ... quantos grãos na piscina de areia? ... quantos choros foram exilados no buraco? ... o outro emoldura um sorriso desprezioso nos olhos apertados, embora este não se dê muito a observar os fatos em sua volta, parece-me que terá mais futuro como narrador. Se ele pudesse chorar, choraria ... mas haviam-lhe confiscado o lamento, queria que sua mãe lhe comprasse aquela fruta na mão do homem, igual àquela, aquela, um homem comendo maçã, a criança pedia de um modo carinhoso, era comportada, não podia chorar, choraria, tinha fome, era a maçã igual àquela que ele implorava para comprar, porém, não constava no acervo de nenhum dos vendedores ambulantes. A maçã veio do pomar. Vermelha. A maçã foi depositada inicialmente na beira do rio, depois uma embarcação, depois o leito do rio, a maçã é carnuda e geralmente vem transportada em caixas fartas, depois ela precisa remexer-se acariciando as margens do rio até chegar ao porto final, onde será comercializada ... mas os ambulantes na praça não sabem responder desta fruta, mas o homem

continua comendo maçã, mas ainda que seja um vale, neste sítio não há rio, corredeira, tampouco porto ou estuário, muito menos pomar, horta, granja, bosque, quintal. Vermelha. A criança insiste na súplica por lhe sanarem de vez a fome, sem sucesso ... muito tímida, não teria coragem de arriscar uma mordida franqueada ao homem, sua mãe prefere costurar mais um agasalho de lã bem felpudo contra a friagem, seu pai lê o centésimo mesmo jornal, o irmão alimenta o vício dos cálculos improváveis, quantas folhas bruxuleiam recostadas ao chão? ... quantas vezes a secretária já urrou no consultório? ... a família de quatro membros obviamente tem um destino a cumprir nesta história, comparável talvez à casca da maçã, lisa e luzidia, frágil, os dois filhos em breve possivelmente serão devorados. Vermelha. Um fruto, antes de apodrecer, frustrar, quedar, é apenas uma perspectiva projetada do imponderável ... desde que desgarrar-se do seu nicho vegetal, ganha ares, ganha alforria, desde que percorre sumo a sumo sua estéreo definhada, ganha planos ... no entanto, é incerto seu futuro, inevitável, o desejo vil somente de ser fruto. O casal de namorados tem problemas, a mulher afasta sem muita doçura o parceiro, mas na verdade quer mais é trazê-lo pra dentro de sua pele ... afasta-o, pele, repele-o, pele, na verdade ama-o, rejeita-o, amaldiçoa-o, vira a cara, pele, pele, o amor no mundo literal, não obstante essas pequeninas desavenças, costuma ser rigidamente imutável, devia haver uma série de lacunas nos livros, no sentido de permitir desvios

quaisquer intangíveis, impensados, contudo esta arte, pela qual nós narradores labutamos, mostra-se um tanto mesquinha, sobretudo, no que diz respeito ao engano, ilusão, possibilidades ... odeio traçar escopos, mas segundo as normas reguladoras, isto é algo estritamente necessário. Imutável. Cresce a expectativa das três amigas pelo começo do ensaio no coreto, pra que a banda sinfônica se locomoveu inteira até aqui para esta apresentação esporádica? ... a iluminação é satisfatória, tudo bem, os instrumentos atingem notas portentosas, tudo bem, tudo bem, a acústica no vale é especialmente insuflada ... todos escutarão perfeitamente cada frase orquestral destilada pela banda ... expectativa, ansiedade, pra quê? ... sem contar as amigas, que infelizmente ainda usam roupas, o público é mínimo junto ao coreto, um vendedor ambulante preguiçoso, o casal de namorados, o anão narigudo eu acho que não está ... o restante veio à praça ou para um simples passeio notívago, ou para se consultar. Não senti mais as pontadas estomacais, não sei se será de fato o estômago, baço, rim, o órgão ameaçado ... as dores, dos outros clientes que sobraram, também desapareceram, talvez avizinhas ao choro das crianças, talvez mitigadas por causa do prenúncio do terremoto instantâneo, não chegou a incomodar, talvez tenha sido uma falha na falha tectônica, o certo é que o buraco não existe mais, fechado, e toda a lamúria infantil inoculada nele surge de repente, estrondo, qual imenso estrondo na proporção do universo, aumentando, gradativamente até emergir num ataque

rompante e fortíssimo de dentro da fenda obscura, magnetizada, o buraco não existe mais, fechado, fechado, toda a lamúria infantil agora está decantada no ralo este super fantástico ... se houvesse, por um acaso, uma escotilha lá no fundo que desse vazão ou acesso ao consultório ... mas não. Pobres clientes que investiram contra si, pularam, que vinham sofrendo mortalmente com as dores na barriga, pularam, pularam, que não chegaram nem a se tornar personagens, agora jazem amontoados numa amálgama qualquer, fossilizando, agora mesmo é que jamais serão curados, tampouco terão a chance de galgar um cargo lá em cima, nunca existiram. Esta única cena, na qual um homem soturno e impassível come maçã, não é nada suficiente para aqueles clientes coitados preencherem os pré-requisitos básicos, currículo, experiência, única cena, enquanto o homem dá mais uma mordida, a criança agasalhada desiste de vencer a fome ... volta a brincar.

12. Acabou-se a intenção dos fatos. É preciso varrer os cacos, nada mais em arte vigora ... abandonar idéias, deveria ser isso que lucubraria o homem comendo maçã, se fosse também escritor. Repleto de regozijo, taciturno, de alguma maneira, sinto que ele pode me ajudar com esta atual empreitada. Busco descobrir-lhe os olhos, inviável, taciturno. Fnia estava deitada após uma manhã inteira de cópula sexual, tem as pernas retesadas como

artifício, não quer engravidar. Fnia freqüentava inúmeras camas da cidade minúscula em sua procura incessante por prazer fugaz, efêmero, ela já vinha cansada de tanto estudo, novidades desperdiçadas ... após o sexo, dava-se ao desbunde da reflexão, cerrava o cenho, apertava a boceta, não queria engravidar, Fnia pensava em como era tão ridícula a vida, sonhava em ao menos conhecer alguém com quem pudesse dividir seus momentos delirantes, mal aproveitados naquelas camas modestíssimas, nas cabanas residenciais modestíssimas, dos habitantes modestíssimos, daquela cidade cujo desenvolvimento esqueceu de propagar-se ... minúscula. Prazer fugaz, efêmero ... Fiba teve sorte de desvencilhar seu passado, hoje ela vive uma realidade bem mais condizente com sua condição de pessoa culta e educadíssima, autodidata, mas guarda ainda o desejo descabido por fazer sexo com diversos parceiros ... eu digo descabido porque na cidade gigante este é um assunto que merece atenção extra. Ela curte uma rotina feliz ... usa como ninguém seus anos acumulados de leitura, e deita em camas desta feita muito mais luxuosas, não que queira engravidar. Das três amigas, ela é quem menos se preocupa com a banda sinfônica, não que não estivesse sob expectativa, mas algo me diz que são marcantes os resquícios de sua juventude obtusa, algo me leva a crer que quando ela se despir cá na praça Embaixo de Tudo, encharcada pelo aguaceiro, causará alvoroço incontrolável ... mal posso esperar. Fiba estava adorando bordar chacotas ao homem comendo

maçã, reuniram-se as três amigas como se apitassem impropérios faunianos aos ouvidos do pacato cidadão ... ela era a mais exaltada, apesar disso, algo me garante que tem vontade maior por copular com a estranha figura, emblema, estandarte, do que ficar para ouvir o ensaio ... chacota, impropérios, expectativa, a banda já havia se acomodado toda no coreto para a execução da primeira música do repertório, quando Pzla desmaiou de emoção, e veio fulgurante o relâmpago, Mdre perdeu a visão, quando Frin desistiu de atormentar o homem que se alimentava em silêncio, quando o anão lhe acusou o nariz avantajado ... nariguda, nas camas, nas cabanas, dos habitantes, da cidade minúscula, nenhum de seus amantes ousou incriminá-la ou dedurá-la de nariguda, convidavam-na aos lençóis amásios, sem grandes cerimônias, somente pelo sexo, prazer fugaz, efêmero, repetido, repetido, repetido, ela sempre comparecia. Depois. Refletia. Organizando sensações. Deitada. Urgia o eflúvio de paixões por seus poros, boca, ânus, boceta, num tear sinestésico, Frin era de fato nariguda, mas o importante é que gozava, e como gozava ... deitada, estatelada, uma manhã feliz, nariguda, sentiu rasteira saudade da cidade natal. Os passarinhos, que logo antes pintaram inaudito contraponto com as folhas descambadas, riem agora dos vendedores ambulantes, riem, riem, qual montagem pontilhista continente de milhões de cordas esticadas e bem finas, unindo o céu de cima com o firmamento térreo, bem esticadas, todas elas, milhões, partem provocando mini-

estampidos em alarido ... é desta forma que riem os passarinhos, nesta noite na praça. Chegou o momento de uma pequena pausa estrutural nesta vã exposição, é hora de levantar-me um pouco, mudar o ponto de vista ... confiro se o clima permanece ameno, permanece, se a brisa, que outrora fez dançarem as folhas, foi então amortizada, não foi, sopra ainda de leve e melodiosa, paralela ao tempo que se gasta sem pressa amiúde, volto a sentar, fim da pausa estrutural, não preciso de caneta ou outro tipo de ferramenta para seguir em minha esta contenda de enlace narrativo ... os passarinhos riem pontilhistas dos vendedores. Percebo que a brisa adquire um certo ritmo, move o cabelo do irmão caçula da família de quatro membros, move a tabuleta na entrada do consultório. Ela se bate, batuca, abalroa a parede do prédio de cunho modernista, belas platibandas, batuca a tabuleta ... nela está escrito, “Se quiser, aqui se cria!”, pelo que entendi, o objetivo da gerência é esclarecer que, sob hipótese alguma, eles constroem, mas sim abandonam idéias, “Se quiser, aqui se cria!”, a brisa intensifica o ritmo induzido, no entanto, não consegue mais percutir a tabuleta ... valeu o exercício, valeu a tentativa. Fiba, a dúvida quanto à alcunha das amigas tem me deixado louco, experimentou uma atração imediata por Mand, quando esta a abordou respeitosamente ... acabara de fazer sexo brutal, refletia, num canto, esquina servindo de leito improvisado, refletia, refletia, foi tomada por um gáudio tamanho ao notar que se livraria daquela vida ridícula, ainda que não expressasse ges-

tualmente, recatada, alegria, atração, subiu nas costas de Mand que tal serpente sem peçonha, e rumaram para bem longe dali. Pauz, sou péssimo para nomes, quando a conheceu, também desmaiara, até hoje não recorda o valor desta furtiva emoção, a partir de então seriam três as amigas, cantoras, Mdre, além disso, dançava, Pauz desmaiava constantemente ... Faaa era outra que não poderia mensurar aquele sentimento que a fez mudar, mutante ... cantoras, emoção, não tinham idéias, e mesmo que as detivessem, deviam tê-las abandonado no caminho, até chegarem ao descampado ... Embaixo de Tudo.

13. Está prestes a começar oficialmente o ensaio. Não há maestro. Os instrumentos afinam suas frequências concomitantes, afinam, afinam, sinfônica, uma só nota entoada inicialmente pelo oboé ... serelepe este oboé. Não há maestro. Não há teto, marquise ou cobertura no coreto. Não há oboísta a executar o som anasalado empurrado pela fina palheta do instrumento de sopro, mesma nota, outro instrumento, afinam, metais, cordas, cordas pinçadas, afinam, afinam, mesma nota sustentada, se existisse um oboísta acho que já teria perdido o fôlego, sustentam ... perfeito, o violino dá um sinal tresloucado com o arco em azougue, os outros estão a postos ... mas antes do primeiro acorde, irrompe ainda o fagote numa aventura insurgente propondo monólogo ou coisa parecida, isso porque o maestro não está presente, afinam

de novo, de novo, mesma nota, o fagote desta vez é quem sinaliza para o resto da orquestra com um lépido e impossível fraseado de rebote. Não há fagotista. Neste romance sinfônico é preciso acostumar-se com a mesmice, ora pela escassez de novidades intrigantes, ora pela simples necessidade de calar-se. A banda sinfônica está afinada no diapasão correto, ouve-se a mesma nota com ínfimas variações de altura, sustentam, sustentam, quase que se confundem com o silêncio, tocam o acorde inaugural, timbre áspero do conjunto ... não é por que eles fizeram soar uma harmonia esdrúxula que deixaram de ser comparáveis ao silêncio, sustentam, vai começar o ensaio. Mesmo. Graves, grandes, ruidosos, agudos, reverentes, rasteiros, receosos, altos, arruaceiros, não caberiam aqui milhões de adjetivos sem substância, sem sujeito, atrapalhados, atarantados, sem vértice. Mesmo. Na cidade gigante são comuns estes ambientes sonoros estapafúrdios ... mesmo, só comparáveis ao silêncio. Os prédios da cidade gigante alcançam imensas dimensões, talvez pretendam cutucar as fundações dos escritórios lá de cima, de balde ... em um desses prédios, edificações, continentes, moravam Pliu e Mane, eram vizinhas quando adolescentes, eram as únicas do condomínio a nascerem no tempo das coisas belas. Pliu, desde jovem, já trazia consigo aquela sede desenfreada por desenvolver-se espiritualmente, fazia aulas de canto, fazia questão de conhecer histórias das mais disparatadas, porém não costumava viajar ou sequer orlar os limites do grandioso

município. Foi ela, apesar de ser ainda estudante de música, quem ensinou Fain a soltar os primeiros melismas vocais, e também a tornar-se fã incondicional da banda sinfônica. Por outro lado, Mane formara-se como dançarina profissional, e a cada temporada anual acompanhava a trupe em excursão. Vizinhas. Crianças. Encontravam-se toda manhã no terraço, topo, arranha-céu, do prédio imenso para brincarem de admirar o horizonte ... mas Mane, algum tempo depois, erraria, ou melhor, erraria bastante por ermos e plagas desconhecidas, pessoas cobertas de olhos ciliados como os dela, dançava, Pliu não. Fain rapidamente decorou o repertório inteiro da banda sinfônica, finalmente começara o ensaio, é tarde, no entanto, os integrantes deste fausto conjunto provinham da cidade média, e na cidade média não existiam construções gigantes, nem sonhos gigantes, nem horizontes ... tudo era médio. As ruas eram médias, a vegetação média, a cultura média, a indústria fonográfica, através da qual a banda passou a fazer sucesso, era média, hospitais, restaurantes, acho que apenas a estatura dos seus habitantes é que fugia desta norma, uma vez que ela, a estatura, não pode ser então percebida nos corpos por trás dos instrumentos musicais em cima do coreto ... esta era a chance que Pluz tanto esperava para assistir ao concerto Embaixo de Tudo, e desapegar-se por ocasião de sua cidade de origem, enfim. Os narradores biógrafos sempre tiveram uma certa tendência por preferir as pessoas da cidade gigante, não

que possuíssem lá vantagens maiores de divulgação, porém eram habitantes deveras veneráveis, biógrafos, biógrafos, como costumavam bajular aqueles habitantes ... deveras, insistentemente qual refração infinita contida e propalada numa caixa de sapato, gigante, qual eco ressuscitado estremunhando a mesma história, gigante, gigante, qual mito religioso servindo de comida eternamente regurgitável ... veneráveis, biógrafos, gigante, deveras, deveras. Douto, exato, ótimo, perfeito, são só adjetivos sem vértice. Pluz tinha pleno conhecimento destes decisivos predicados atribuídos a seus conterrâneos, mas ela nutria em si outras aspirações ... fugiu de casa. Foi num dia comum, em que ela subira no terraço para partilhar com Mane do vasto horizonte, levou uma corda espetacular no bolso, lançou a corda com força, gana até então nunca testada, teve o consentimento da amiga, e por fim, depois de ter escalado, debruçando-se à farta fachada do edifício escarpado, passou a viver na rua. A amarra, corda, toa e a vontade, eram suficientes para ela deixar pra trás o apartamento no qual morava com seus pais, douto, exato, ótimo, perfeito, mas não ainda nessa oportunidade se permitiria transpor os limites, fronteiras da interminável cidade. Já Mdre, que nessa época já realizava suas digressões artísticas pelo mundo, continuou residindo no condomínio, no andar dos mais altos, perto do cume atmosférico, no conforto do lar ... amava sua família ... ótimo, perfeito. Na minha humilde opinião, o fagote só

dominou o resto da banda porque não há maestro. O coreto está abarrotado de instrumentos. Não se vêem os instrumentistas. O violino líder fica triste. Este é o primeiro ensaio a ser realizado longe da cidade média, ainda que fosse nesta noite inefável numa praça sem credencial alguma, era um grande momento para suprir os desejos das três amigas. O oboé tenta fazer amizade com os metais. Começa o ensaio.

14. Por enquanto nada de chuva. Mas vai chover. Seis ou sete gotinhas apressadas precipitam-se, ameaçando atrapalhar a apresentação da banda sinfônica ... não há cobertura no coreto. Decerto que a ansiedade influencia sensivelmente o alcance do gozo, oito ou nove gotinhas, em breve estaremos todos imersos num dilúvio cáustico, dez gotinhas ameaçam introduzir, sobre nossas cabeças, o cortejo das águas, é noite, apressadas, ansiosas, atrapalharão a apresentação ... atualmente eu já detenho uma condição especial a qual me permite narrar estas passagens torpes sem o menor grau de expectativa, onze, quatorze, vinte e duas gotinhas ainda não são suficientes para gerar o alvoroço vindouro cá neste ínfimo sítio ... vai chover, as três amigas ficarão nuas como fêmeas, girando no eixo, cantando alguns trechos do repertório jorrado, quanto prazer, noite, por isso não devo perder-me em devaneios ou tampouco adiantar por nervosismo este certame, não quero causar nenhum tipo de dano ao gozo

pleno que as aguarda ... nuas, girando no eixo, estarão as três abraçadas formando um minúsculo círculo, Mssa, apesar de ainda não poder enxergar, será a mais esfuziante, cantarão notas surreais a responderem em contrapeso o volume de água que despenca na terra, mal posso esperar para admirar os seios acolchoados de Faan, gozo, expectativa, quanto prazer, suas dermes quedarão excitadas ao se roçarem enquanto giram, nuas, no eixo ... em pelo, quando começar o temporal. Alguém mais habituado ao mundo literal deverá por em dúvida a eficácia de se resumir em uma seqüência apenas, sem relevantes implicações ou conflitos, seqüência, uma, a dinâmica plausível exigida para a feitura de um romance sinfônico, porém, acredito que a elaboração destes fatos isolados tem muito me trazido regalo, júbilo, dia de folga, longe que estou do meu posto de trabalho nos vastos escritórios. Não há livros no escritório. Uma seqüência órfã. Alguém duvida. É preciso exercitar os motivos, ainda que pouco movimento isso me cause nem proporcione ... estático presentemente num banco, assento comum, pedra, armação, não faço uso de nenhum elemento gráfico para desempenhar então este papel contemplativo. Uma. Órfã. Escuta-se a música de abertura executada em cima do coreto, não por conta disso deu-se início agora ao tal do romance sinfônico, mas vale aqui a ressalva ... a banda soa como estranha textura desconexa, forma uma gorda seção embolada por repiques sonoros, à primeira apreciação, desconjuntados,

a percussão se anima, forma um emaranhado intenso de assobios e sibilos inusitadamente obesos, sutis, coloridos, forma vertiginosa sensação nos ouvidos ... a banda é interrompida de quando em vez pelo intrépido flautim que se aventura em cortar, qual faca, cutelo, sabre, espadachim, semelhante opulenta textura ... toca o flautim, causando contraste, textura, flautim, textura, textura, flautim, não são mais percebidas as gotas em prenúncio de chuva que caíam também agudas como o levíssimo instrumento de sopro, textura, textura, textura, um ou outro pássaro ousa intrometer-se ao ensaio no meio da revoada, flautim, pássaros, no meio da revoada, textura, textura, mas que rude contraste ... esta é a marca da primeira música. Neste instante a secretária suspende temporariamente sua já obstinada cantilena à frente do consultório, “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?”, ninguém ainda conseguira ser atendido, “Quantas bolinhas?”, ou sequer supunha adivinhar qual seria o conceito implícito naquela admirável esquete, a secretária pára um momento a assistir ao ensaio no coreto, poucos candelabros, qual a medida exata da verdade necessita ser agora revelada para responder ao quesito? ... qual conteúdo se esconde indolente na mão servil daquela semi-deusa maravilhosa? ... guardiã, untada por trejeitos faceiros, formosa, estupenda, traduzindo em si o mais perfeito formato artístico, estética, estrutura, cabelos longos e anelados cor de pensamento, seu leve sotaque impossível não seria por nada capaz de aviltar o porte

desta figura, “Quantas bolinhas?”, contudo, quem poderia descobrir o nexo embaralhado nesta cena jactante, formosa, estupenda, formato artístico ... ela chega a transpirar mistério, não se sabe muito sobre seu passado, não se expõem tanto assim seus desejos, dizem que dormiu diversas vezes com o nosso chefe, não se deduz tão facilmente seu aroma tendendo a crime que ela agora exala. Semi-deusa. Nexo. Talvez tenham sido estas características as quais atraíram a libido do chefe para cortejá-la, dizem que ela precisou de muito esforço para conquistar este cargo no consultório, dizem que o chefe chegou a amá-la, porém um tipo de amor que só se remete ao espelho, identidade, reverência, como se somente aquela beldade pudesse abastecer seus todos impublicáveis interesses, à altura. Conceito. Verdade. Amor especular. Eu não tive tanta sorte em minha jornada, jamais logrei desfrute, qual joguete onírico, que se me fizesse insistente na cabeça. Vi diversos casos amorosos salpicarem diante do meu jeito resignado de entender as coisas cá debaixo ... muito dificilmente me envolveria, já que sempre fora minha função diligente cumprir as inacabáveis horas de trabalho no escritório, sob o risco, do contrário, de nenhum enredo mais romântico se desenvolver no mundo literal ... narrador, embora nunca tenha sido apresentado ao chefe do qual dependo, ante cláusula, alínea, acordo, arreglo, para desempenhar com rigor o contrato lá em cima. Não há livros no escritório. A despeito de ter descido eu, nesta

noite agradável, este é um expediente que deve ser sumariamente evitado ... aumenta a quantidade de passarinhos que interagem concatenados e multiplicando os estalos da orquestra, este é um expediente, ao serem transcritas fidedignas as minhas percepções estando cá Embaixo de Tudo, que deve ser sumariamente evitado. Interação. Não conheço o chefe. O canto dos pássaros substitui de vez a tentativa das gotas de anunciar o temporal, frustrado, adiado, nem frio, uma tênue brisa, negro-azul, nem calor, onde estão as nuvens? ... mas logo irá cortar o céu pacato a tempestade, eu sei ... antes disso, bastou o estampido daquele trovão ansioso, precedendo o relampejar, pra garantir aos demais transeuntes que a chuva decerto chegaria, contudo, eles não têm como se proteger, eles não são responsáveis pelos objetos, aqui não narrados ou descritos, os quais esqueceram de trazer ... com exceção da bengala da velha senhora, eu acho, eles escutam tocar a banda sinfônica, primeira música desconexa, com exceção da bengala que sustenta um peso cósmico prostrado na corcunda da velha, não são responsáveis, eles estão mais preocupados em reparar a sutil coerência proposta em contraponto pelas aves, que voam, que cantam, enquanto a secretária pouco a pouco vai ficando afônica a impedir permissão de entrada aos já angustiados clientes na praça, que esperam, “Quantas Bolinhas?”, perdi a conta de quantas vezes ouvi esta frase à porta do consultório. Na tableta, por trás da semi-deusa coberta de flores verdes, lê-se, “Se

quiser, aqui se cria!”. A brisa não tem mais força para bolinar a placa, tampouco as madeixas loiras dela, termina a música, flautim, flautim, “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?”, ouve-se agora bastante nítido o tom proferido, ela obtivera indizíveis fases de treinamento para acertar ... e proferir, e controlar, ela atualmente domina um poder inegável de incremento ao repetir esta pergunta, sem se tornar tão enfadonha. Uma palavra ao ser rebatida se transforma em outra, e outra, e outra, e rebatida, e outra palavra. Eis o mistério pelo qual sou militante ao descrever uma única cena, seqüência, quadrante, neste meu dia de folga. Disseram que os passarinhos quando vêm aqui na praça não costumam fazer ninhos, mas buscam só descansar no mundo literal, restritos a curtas manobras coletivas de revoada, revoada, a modo de deixarem exercitadas suas tímidas asas. As melodias inauditas que entoavam junto à banda, foi uma simples contingência ... seqüência, quadrante, manobras, função, neste meu isolado dia, data, agenda de folga. Ao pé da estátua de um índio guerreiro, o homem continua comendo maçã. Qual sua profissão ou atividade que exerce? ... não sei responder. Onde foi parar o choro das crianças ... enterrado no buraco? Onde estão as nuvens?

15. No princípio tudo era saúde na praça. Havia terra. As árvores se preparavam para fertilizar, crescer, eclodir, enquanto o solo se cavoucava, e cavoucava, e cavoucava,

quando tudo ainda era um imprevisto canteiro de obra, havia terra, mas acho que trouxeram areia demais para compor o canteiro, por isso, a razão da existência indesejada das atuais piscinas, formando mal comportados desenhos polimórficos, invariavelmente ondulados, contrastando com o perímetro severo e ortogonal, em área, dos casarões todos eles macambúzios, a atíçar ainda mais a sensação de vale ultra-sublocado, vale, perímetro, área ortogonal, na medida do possível, as árvores conseguiram se desenvolver, dotadas de suas generosas copas originais, e que abraçavam por completo o recinto tão airoso, e que se tornaram observadoras fiéis da rotina daqui, conforme a obra ia sendo acabada, e que se entupia a perder de vista de areia, e que deixava a terra viçosa sumir esvaindo-se, canteiro, copas observadoras, sumir ... hoje só há o rastro despejado pelo andarilho como vestígio de terra, terra, de verdade, escura, terra, andarilho, não me refiro ao guru ancião com seu aspecto sujo, porém, que não fazia derrubar um pedaço sequer de seu esmerado figurino, só vociferava ... aos clientes, aos outros transeuntes normais a passeio, e aos grilos. Também amedrontava as crianças. Sem falar do pouco caso, desleixo, desdém, que aplicaram na construção deste singelo logradouro, as árvores permanecem atoladas em seus lugares, ansiosas por voltarem a produzir suas centenas de frutos abortivos ... desperdiçados, frutos estranhos, caíam logo quando amadurecidos e eram de vez abduzidos pelas piscinas de areia, que a essa altura já domina-

vam toda a geografia, desenhos polimórficos, vale, o rio de outrora não corre mais por aqui. As copas opulentas foram rareando com o tempo, e com elas, outrossim, suas diligentes opiniões a respeito dos acontecimentos transcorridos sob suas sombras, sombras vastas, sobraram alguns galhos, polimórficos, areia, havia terra, galhos medonhos. Diversos narradores se valem da praça, desde quando canteiro de obra, para suas atividades laboratoriais e afins, com isso, inúmeros personagens surgem a todo instante, de toda espécie, por todas as ladeiras de arrabalde, mas nunca ganham, nem faturam, nem recebem roteiro relevante nenhum ou tampouco contumaz e profícuo ... diversos narradores ... não eu, que só vim cá Embaixo de Tudo por causa do atendimento no consultório ... se afirmei ser o escritor responsável por essas bandas, mentira, tenho em mim simplória esperança de realizar um exame laparoscópico pra curar a inflamação que dilacerará, com certeza, meu ventre, mentira, mentira, e devo em consequência disso dividir espaço com esses pobres indivíduos ... além dos galhos medonhos, esses não são muito especialistas em usar verbos, afora o farfalar irritante, o qual evocam heterofônicos qual risada de roedores, insistem apenas em desfolhar, desfolhar, desfolhar, desfolhar e sobretudo desfolhar. Início da segunda música no coreto. Movimentos extremamente ágeis controlam a paleta orquestral, são escalas robustas e que valorizam quase que mimeticamente a simetria entre os sons, a banda ecoa este seu alarido por todo ambiente,

espalhando belas locuções bastante matemáticas, faz confundir a música subliminar, já habitual, natural deste presente mundo literal, aqui humildemente apelidado de romance sinfônico, escalas, sons simétricos, a velocidade com que o trompetista invisível dirige seu instrumento é arrebatadora, dando a ligeira impressão que o coreto se move ... em círculo, escalas, escalas, por onde anda a tal música subliminar? Por onde anda o maestro que não veio reger o conjunto? As árvores antigas, atentas a tudo, não fizeram cursos para narradores, muito menos sabem distinguir moral de compromisso, não podem responder por este embuste absurdo ... por onde? Lembro perfeitamente da época das coisas feias, se não me engano vem daí a data de inauguração da praça, decerto havia uma maior quantidade de candelabros, a noite era mais prateada do que hoje, quando, hoje, hoje, quando não existe lua, por falar nisso, uma das características do tempo das coisas feias, no qual nascera o guru e sua terrível mania de falar alto, é que não existia lua, talvez o outro andarilho, com suas botas enlameadas, também tenha vindo à luz nesta fase obscura da vida, costumavam existir miríades de assassinatos por sufocamento, devagar, apesar, sufocamento, apesar, apesar, os seres humanos tinham como hábito andar lentamente e ter sede excessiva por água, líquido, fluído e outros elementos menos elencáveis, devagar, apesar da lua não influenciar em nada os movimentos de maré ... o rio de outrora não corre mais por aqui, contudo não creio que o andarilho fazedor de

terra escura tenha de alguma forma compactado, nem tomado partido com relação a esses crimes, mortes por sufocamento ... me parece alguém bastante indiferente para galgar decisões. Atualmente, não sei dizer com precisão em que tempo vivemos, qual estética vigora? ... qual sabor? ... é comum haver miopia quando nos aproximamos demais de um evento qualquer, qual intenção vigora? ... ademais, muitas estações esqueci-me dedicado ao labor, encalacrado nos escritórios ... não cabe a mim questionar. Novidade. De repente entra em cena a esquisita figura do fiscal, percebe-se sua profissão por causa do uniforme, verde, com escudos mais ornados, paramentados que os dos subalternos vendedores ambulantes, sim, o fiscal deixa bem claro o fato de exercer um posto de comando elevado na hierarquia do sindicato, fiscal, fiscal, fiscal ... é engraçado que até agora eu não tenha notado nenhum personagem comprar um só produto, não tenho convicção se ninguém veio munido à praça das valiosas pedrinhas de gesso para poder consumir. Os vendedores estão receosos, protegem seus carrinhos com zelo quase juvenil, o fiscal não autoriza isso, não autoriza aquilo, também não àquilo, e aquilo outro, manda calar quem nem chegara a ostentar voz, pedido, reação, fiscal, fiscal, ninguém possui das valiosíssimas pedrinhas de gesso, ele enfim confisca as mercadorias dos trabalhadores informais. O anão, que neste instante escapara do assédio grosseiro de uma criança a escalar-lhe os ombros, encaminha-se ao fiscal, oi narigudo, tubo bem narigudo,

além de identificar esta palavra em questão, narigudo, acho que o ouvi cogitar uma suposta farsa, mas pelo que entendi, referiam-se à secretária do consultório ... ou será que o anão estava acusando o ativista sindical de uma possível tramóia? ... será que se tratava de um comerciante usando de meios escusos, imundos, ilícitos, sujos e subterfúgios para garimpar seu próprio estoque? ... o anão não teria jamais, foi um prazer narigudo, tamanha coragem, petulância. Começa a terceira música, desta vez sou surpreendido pelo chumaço de timbres medrado de cima do coreto, tal qual um raríssimo colóquio monumental entre as frequências, soa agradável, tudo é colorido, não importam as cadências, os motivos, os arabescos, soa agradável feito farto jato de tinta se esparramando numa superfície porosa e branca, porosa e branca, tudo é som, tudo é matiz, enquanto o homem comendo maçã inventa mais um tipo de mordida para degustar seu precioso alimento, a maçã parece não ter fim, será que é a mesma? ... a terceira música beira a noção do infinito, não há harmonia, não há descompasso, e como um corpo maciço, repleto de perfume, caminha em permissividade por toda gama da orquestra, qual sonoridade interna da circulação sanguínea, qual valente murmurar insuperável de um mantra ou meditação, graves, agudos, murmurar, doces, nervosos, harpas, contraltos, qual democracia ... será que, desde quando entrou na história, o homem continua a mastigar, engolir, abocanhar a mesma iguaria? Segue a noite densa cortinando esta humilde e inerme ágora de

coisas áridas, podia ser figurativa, a noite, comparada àqueles frutos que foram abortados e abduzidos pelas piscinas de areia, mas que por algum método desconhecido, talvez arrastados, ou irrigados, ou reduzidos a fragmentos pelo rio de antigamente, que deu origem ao vale, semearam esta discrepante noite, não há harmonia, não há descompasso, não há lua, vindo por fim derivarem semelhante romance sinfônico, não há propósito ... no entanto, é meu dever alertar sobre as árvores, que, por mais fiéis observadoras, e compenetradas, e atoladas, por mais infrutíferas do ponto de vista botânico, e desfolhadas, e que não tivessem sido diplomadas em cursos específicos para formação de narradores, trazem também enraizado o obsoleto discurso da moral, no qual tudo é propósito, nada se descarta, nada se escapole. Fim da terceira audição.

16. Não conheço as outras salas adjacentes que compõem os escritórios. Se elas também possuem paredes tão acres e tinta tão metida a intelectual como no meu módico gabinete de trabalho, são recintos então muito desconfortáveis para se habitar, porém, é o suficiente para se desenvolver cada episódio urdido em linha, texto, frase, palavra ... nós narradores não precisamos de nenhum objeto que auxilie na escrita, ofício, gabinete, paredes acres, episódio, escrevemos de qualquer maneira. Existe uma gaveta em minha sala, não há puxador ou ferrolho

nesta gaveta, não há sequer mesa, ela flutua com perene displicência sobre o chão, acre, intelectual, deserto, e guarda uma desajeitada resma de papel ... são esses papéis, documentos importantíssimos com referência a esta parca narração, mas isso se trata de um outro assunto, talvez mais adiante esclarecido ou somente deslindado ante a trama sempre, sempre inexistente. Eu poderia, em curto azo, gastar-me em devaneios que mencionassem o poder de comunicação, ou até traçar uma projeção futura que servisse de alegoria para o meio propício, no qual as informações deveriam ser dispensadas ... imaginar um pergaminho desamparado, contido numa singela garrafa que navega, contendo um minuto de poesia, contendo em si o sentido da democratização da idéia irrelevante ... a comunicação seria a substância intangível, sem lastros, sem ameaças, tanto quanto os grandes mecanismos, e mirabolantes, inerentes à cidade média, os mesmos mecanismos que divulgaram exaustivamente a marca da banda sinfônica, mas, haveria uma sutil diferença, pois o processo partiria de um material depositado a esmo, oriundo de emissor imoto, neste caso hipotético, qualquer indivíduo, inclusive as personalidades chinfrins destas páginas, em direção ao vasto horizonte imponderável, um pergaminho, uma garrafa, poesia que navega, democracia, não existe endereço, para mim esta é a melhor perspectiva que almejo, não existe lugar, não existem códigos ... assim como os planos futuros não geram movimento, as idéias demais resolvidas nascem mortas, decantadas, eu

preciso voltar a falar dos mecanismos da cidade média, toda engenharia desta espécie é à base de repetição, entretanto, o conceito de repetição vem de algo intuitivo, presumo, e estritamente mnemônico, logo, o que poderia estar sendo proposto aqui é a diluição total do pensamento em rebote, um pergaminho, uma poesia perdida, soam-me bem mais verdadeiros do que os traquejos miméticos desta minha história mal contada, ou do que teses, compêndios, calhamaços, cujo enlevo é a única meta a ser buscada ... todavia, embora seja hoje apenas um dia de folga em minha agenda, o meu compromisso não é o de parar e tecer comentários úteis por arrogância, bravata, e sim, meramente narrar os fatos na praça ... noite, alguns dos poucos candelabros estão querendo apagar, nem frio, está ficando tarde, vai chover, nem calor. Enquanto desfila sua irritante soberba, o fiscal amontoa os produtos recém recolhidos numa sacola mágica onde tudo cabe. Como os vendedores irão sobreviver sem os insumos? ... se bem que eles não estivessem muito a convencer os transeuntes com promoções diversas, e ademais, ninguém parecia possuir nenhuma porção das sestrosas pedrinhas de gesso. Quando um dos filhos da família de quatro membros pedira para a mãe comprar uma maçã bem carnuda pra ele, ela disse que não, resoluto, ao bordar mais um casaquinho de lã, mas nem que quisessem poderiam adquirir semelhante fruto, e ademais, os vendedores não negociavam maçã, maçã, maçã, e ademais, o fiscal já lhes tinha tomado o direito de vender as mercadorias inteiras.

O guru intervem. Antes disso, em meio à pompa de seu discurso garboso, falando alto, confessou sem qualquer consternação, estar cansado de ser tão admirado, tem barba, tem punhos fortes, tem o peito endurecido, as crianças se assustam, os grilos não querem saber de conversa com ele, tão admirado, o peito endurecido ... o guru intervem junto ao fiscal e recupera as mercadorias, alguns narradores deprimidos aplaudem o ato por pura inércia ... é possível que um deles conhecesse o guru quando dos seus retiros estratégicos na cidade minúscula ... o fiscal porém, sabia que aquele meliante não era um cidadão honesto. Neste instante, o fiscal retira de dentro da sacola mágica, agora vazia, uma opinião decisiva, e acusa no mesmo tom, volume, intensidade discrepante, o velho ancião de corromper a distinta comunidade da cidade minúscula, meliante, com conselhos farsantes, desonesto, conselhos, na caverna, farsantes, sim ... existia algo de muito mais sujo por trás daquela celeumática fantasia, e andarilho, e herói, e pensador ... sujo, o guru interveio mais uma vez, desta feita bastante agressivo ... tinha barba, tinha peito endurecido, coitado do fiscal. Penso que a rubrica desses dois personagens, no tocante a roubar o peso da história e inclinar, pender, demarcar conceitos, seja algo peculiar e inerente aos narradores da espécie dos pretensiosos. Poucos desses costumam descer ao mundo literal, embora tenham uma certa predileção por disfarces, e muitas das vezes, passem desapercibidos por aqui, até mesmo para nós colegas. Estou começando a

enjoar deste banco, não devo mudar de lugar, posição. Um dos filhos da família de quatro membros, não o que implorava pela maçã, mas aquele que tem mania de calcular soluções, quantos grãos de areia? ... quantos clientes? ... quantos candelabros seriam necessários para iluminar a contento o desvão? ... existem pouquíssimos candelabros funcionando ... à primeira vista, ele poderia ser considerado um futuro narrador pretensioso, com toda essa verve controladora e sagacidade por opiniões, contudo o outro, que tivera o choro freqüente arrancado, que correria de medo ou pavor do grilo, possui um magnetismo mais forte nos olhinhos ... posso estar enganado, mas se o chefe, porventura, estiver analisando também esta cena, noite, praça, morna, é bem provável que já o ofereça uma boa proposta de contrato, mesmo sendo o garoto ainda muito jovem. Veste mais um agasalho sobreposto. Não preciso dizer que é puro capricho da mãe ... a temperatura mantém-se assaz confortável, amena. Durante o ataque feroz sobre o coitado do fiscal, o guru ancião vai descrevendo, pancada a pancada, cada tipo de golpe desferido, com minúcias, ele é muito mais forte, descrevendo, minúcias, apesar da sua virilidade maiúscula, ele não conseguiu êxito quando tentou forçar o terremoto, tal como procedeu o distinto adulto ... vale notar que estou agora chamando o adulto de adulto apenas por sua interferência perante o colegiado infantil. Portava óculos delgado em equilíbrio constante frente ao rosto afilado, era elegante ... talvez fosse fruto da imaginação dos pretensi-

osos, talvez fosse até um deles, disfarçado quem sabe, ou qualquer outro cliente à espera de consulta, se bem que ainda não tivesse demonstrado nenhum incômodo na região do peritônio. No fim da briga, peleja, violenta disputa, por sinal muito bem explicitada pelo guru, e desleal, e encerrando-se com certa técnica de sufocamento, o fiscal foi completamente esarteado e teve as partes do seu corpo misturadas aos demais produtos dos vendedores ambulantes, estes nada puderam reclamar, afinal, se não fosse pela coragem e altivez do velho, muito velho, ancião, jamais eles reaveriam seus insumos ... balas, bibelôs, bebidas, alguns utensílios de cozinha, alguns livros em formato reduzido e com títulos bizarros, o vendedor, dono do carrinho com caixa de som, diz que tem todo tipo de fruta, mas não tem. Como se já não bastassem os títulos bizarros, os livrinhos agora estão um tanto manchados pelo sangue ensopando os restos mortais do fiscal ... pescoço, antebraço, tornozelo, alguns utensílios de cozinha, balas, bebidas, naquele carrinho sobretudo, não eram vendidas novelas ou historietas de amor. A propósito deste tema, o amor, sinto falta de mais trabalhos que o abordem, e coloridos, e salpicados, mas as ordens lá de cima não nos permitem grandes arroubos digressivos, são destarte bastante claras, obrigam-nos a somente narrar os acontecimentos, de maneira nenhuma questioná-los ... não que eu considere o amor como simples objeto de julgamento, ou ponderação, ou veleidade, o fato é que expor as próprias fraquezas transborda um

sinal irrefutável de confiança, e este é um atributo que há muito já nos fora privado, escritórios, narradores, empregados, lá em cima, até mesmo quando se trata dos narradores pretensiosos, o que nem chega a ser o meu caso. Não entendo por que existe uma gaveta em minha sala, se não há mesa. Ouço o barulho estúpido vindo da direção das várias ladeiras rodeantes, como se abraçasse o vale, estúpido, contínuo ... não vem da orquestra ou da tempestade iminente que logo inundará este torpe cenário, não há lua, nuvens sequer, as três amigas cantam sem parar, só que achei interessante esta curiosidade sonora ... talvez venha a gerar um elemento pivô para outra novidade ou alteração neste enredo modorrento, barulho, ladeiras, contínuo, abraça o vale, ainda não chegou a hora, mas sei que vai chover, quanto ao evento misterioso que transformaria, aos poucos, a praça num imenso caldeirão de sibilos, em ebulição, disso não tenho a menor certeza.

17. Quarta composição. No coreto, os instrumentos bailam mais serenos a trançar um leve acompanhamento servindo de base para um ou outro eventual solo em cadência, outro solo, apesar do ambiente lírico por demasia, a banda soa em fortíssimo, incondicional, pra não ser suplantada pelo estardalhaço misterioso que desce as ladeiras, outro solo, muitos solos, todos solos lentos, será que o estardalhaço tem a ver com algum levante de candidatos a personagem? ... será suposta insurreição? ... o

romance sinfônico está perto do fim, talvez algum nome esquecido, até então, tenha resolvido, por conta própria, emergir ... a orquestra, por exemplo, não consta de maestro, os solos remetem a paisagens campestres, surge uma sutil graciosidade nos movimentos redondos, bem redondos, lembra um sorvete cremoso, paisagens campestres, não consta de maestro, fortíssimo. Mdre, mesmo tendo a pele coberta por olhos ciliados, não pode enxergar, e recorda, qual se transcorresse veloz um filme épico na cabeça, de suas turnês maravilhosas ... de quem conheceu, a qual destino ansiava aportar, enquanto conduzia o corpo numa dança rica e impalpável, Mdre, recorda, dança, de quem se despedira pelo caminho, arrisca de vez em quando uma palavra solta, desprendida, catapultada no ar, tinha sede por palavras, enquanto conduzia o corpo numa dança rica e impalpável, vento, Mdre não sofria de mudez, estava cega, chuva, seus gestos são agora tão intensos que chegam a simbolizar todo o tempo das coisas belas, vento, chuva, chuva, ela rasga com sua voz firme nem um pouco melismática. Sempre cultivou o exercício de mirar o horizonte, é verdade, mas eu não previa que tivesse tamanho dom de premonição, vidência ... chuva, grita, e dança, e rica, e filme, e impalpável, na cabeça, e recorda. Avança em riste a quinta composição. Tenta ser igual à anterior, quando se remete a paisagens, a passeios campestres, mas os solos se diferenciam um pouquinho, ainda que a leveza cálida do acompanhamento seja a mesma, campestre ... porém, desta sorte, faz referência a

animais que galopam, ou trotam, ou beliscam as patas sobre a relva em aroma de flor ... eu acho ... o entrave é que, por mais esforço que os instrumentistas invisíveis façam para massacrar as notas musicais, a massa sonora expelida pelo coreto vai se tornando inaudível ... inaudível, ferida por um estrondo outro desconhecido e espetacular a invadir a praça, cresce, cresce, não consta de maestro, até que o barulho alcança frequência tão absurda que evapora, que some. Deve estar próxima de nós a fonte de semelhante fragor. É alto, muito alto, e não mais se escuta. Deve estar perto, o que será? ... então a música, número cinco do repertório, volta aos nossos ouvidos, atenção, se encaminha para o final ... é igual à anterior, só os solos são diferentes, não tem mais graça a alusão ao desfile faunístico pelos campos, aliás, não tem mais graça nenhuma. Enfim, Pliz acorda do desmaio. Eu já estava ficando com saudade de sentir seus trejeitos forçosamente empertigados, das três amigas, ela é quem demonstra maior segurança, embora nunca tenha lidado muito bem com as coisas concretas, laicas, materiais, das três, ela, pra mim, subitamente passou a ser a mais bonita ... só agora está desperta novamente, faz cara de má, bonita, embora nem se compare com a beleza da secretária, perfeita, semi-deusa, mas esta talvez nem ao menos exista. Pliz fugira da casa dos pais pra morar nas ruas da cidade gigante. Quando fora apresentada a Fnia, ensinara-a a cantar, cidade gigante, cantoras, Plui não tinha muito por costume seguir adiante em suas decisões, cansava, mas

quando soube da apresentação da banda sinfônica, convenceu as duas amigas a ensaiarem exaustivamente, cantoras, dão início ao coro em cânone, estão trajadas com uma decência quase que impecável, infelizmente ... infelizmente seus vestidos não emolduram seus corpinhos como eu gostaria. Durante sua estada na cidade gigante, Fnia, acolhida e alojada nas ruas por Pliu, era a única que se aproveitava dos prazeres sensuais, muito imos a ela desde a época em que vivia na cidade minúscula. Logo quando terminavam os preparativos vocais, ela desaparecia e ia se deitar com o primeiro varão que lhe aparecesse apetente, a cidade gigante habitam inúmeras camas luxuosas, na cidade gigante não existem grilos, Fain deitou-se com vários garanhões ... geralmente no outro dia pela manhã, depois de acasalada, em todos os sentidos, não lamentava, não questionava, não se arrependia, por um momento se lhe cessavam os sonhos, camas luxuosas, Fain agora era cantora, e pronto. Hora da sexta música. Assemelha-se com uma canção do tipo trovadoresca, ornada por curiosos saltos melódios ... de fácil assimilação, aliás, muito fácil, no entanto, no fundo, de novo, é igual às outras duas executadas recentemente, mesma sugestão bucólica, ambiente pastoril, tropel de cavalos, a diferença é que dessa vez a banda é entrecortada pelos disparos vocais das três sopranos, que levitam sobre o solo, que se esbaldam, dando gosto especial ao formato da peça comum, de novo, no fundo, igual, porém as palavras, das quais se valem, usam, munem as jovens garotas,

e cujo teor pouco importa à compreensão, adquirem inclusive valor físico, como se solidificassem nas suas bocas, suas línguas, até esfumaçarem de repente ... sem pedir outorga ou chancela maior a ninguém, sexta música, levitam sobre o solo, outro solo, valor físico, palavras que viraram ferramentas concretas e não significam mais nada ... viva o mundo literal. Finalmente descubro a causa daquele quiproquó infernal que vinha de antemão solapando o sopé das ladeiras circunscritas ao átrio, eram, ou melhor, são os grilos ... um monte deles, posso divisá-los, posso cheirar o odor azedo de suas carapaças, não posso contá-los com precisão, um monte, uns transpõem os tetos das antigas construções, enquanto a maioria se debate para vencer o declive até chegar ao vale, são os grilos, ou melhor, serão estes grilos que desencadearão uma grande tragédia nesta singular explanação. A noite já estava suficientemente árida, agora, mais ainda com todo esse descolorido desproporcional dos bichanos, além de azedos. Cá Embaixo de Tudo, tenho percebido, na íntegra dos meus anos de profissão, o quão tem se enfraquecido esta espécie de anedota, e conflito, e imbróglio, pois me impressiona como os transeuntes não se assustam com as ameaças, fingidas de palavras, que lhes são impostas, grilos, azedos, bichanos, famintos, um monte, um perigo, uns transpõem os tetos ... e continuam incólumes, hoje em dia vige o sistema informacional das coisas, não interessa o quão vigoroso e latente seja o problema, a sexta canção vai esvaindo lentamente, não há problema, não há

confusão, caso não haja divulgação de verdade, por conta dos grilos insomáveis, raquíticos, famintos, não há matéria, esgotou-se. As amigas dançam, a partir deste instante, girando no eixo, fazem uma roda tripartida, coro, sopranos, uma delas possui o cabelo super liso e seios durinhos de romper fantasia, a outra traz o desenho do corpo quase tão ideal quanto ao da secretária, já a outra, apesar do nariz pontiagudo em esquina, é quem inspira mais a libido, tem o rosto angelical, se bem que traiçoeiro, giram no eixo, Mndi, quando retornar pra casa, pretende realizar uma cirurgia plástica para corrigir o recorte do corpo, quem sabe voltar a enxergar, não que quisesse entender dos detalhes à sua volta, preferia senti-los, mas já estava ficando com vontade, outra vez, de deixar aflitos os narradores deprimidos ... talvez os médicos possam dar uma solução emergencial para este defeito, na cidade gigante, lá onde não existem grilos, onde só vige o sistema informacional das coisas ... e os médicos fazem atos artísticos para tornar bem leves seus destinos, ao passo que os artistas precisam fazer ações das mais pesadas, como morar nas ruas, nota-se, para equilibrar de vez o fio da vida. Na cidade minúscula, afora Fnia, ou o engodo do ancião, ninguém jamais estudou, ou leu, ou aprendeu enciclopédias. Na cidade média não há dicotomia.

18. “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?”, insiste a secretária. É impossível suportar tal ladainha.

Mas. As portas do consultório permanecem abertas e nenhum cliente ainda foi atendido ou obteve notícia de onde se escondem os médicos, a essa altura, já vai adiantada a revolução dos pâncreas, que aflige, qual cutelo, espada, navalha, o abdômen dos tantos clientes espalhados por este famigerado grotão, e vilipendiados. Quem poderia adivinhar a gincana proposta pela guardiã do consultório? Quem poderia adivinhar a cura para aquele fenômeno sem precedentes? ... grotão, aflige, “Quantas bolinhas?”, revolução dos pâncreas, a dor, a despeito de comprovar e legitimar a existência humana, é algo que transcende terminologias ... não sei se a contaminação dos clientes se deu por um contato escuso, telefonema talvez, telepatia talvez, entre os organismos revoltados, no caso, os pâncreas, ou se acaso trata-se de certa epidemia contagiosa não em rol catalogada, o fato é que as pessoas comuns, no caso, os magarefes em compasso de espera por consulta, começam verdadeiramente a mostrar-se, manifestar-se somente quando tendem a seus limites, como se estivessem prestes a supurar um mal maior, e então, de chofre, fazem explodir em contingência suas vis identidades ... seus limites, de modo que só agora percebo destacar-se no meio do grupo, uma figura estranhíssima portando imensa cabeça de porco, outra, que por motivo néscio, jorra, escorre, mina cachoeira pelo umbigo, estou decerto tomando parte de qualquer sonho intragável, praça, grotão, noite morna, outra figura arrota piedade, outra figura tem o pé maior que o mundo

literal, talvez sejam as dores que também resolveram de uma vez por todas a atacar-me ... não sei se são contagiosas, onde estão os médicos? ... “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?”, é inviável adentrar o consultório, pobres os clientes magarefes metamorfoseados em entidades esdrúxulas, talvez eu deva pedir desculpas por tanta mixórdia, entretanto, hei de salientar que estes acontecimentos não ocorrem conosco, os narradores, porque fomos dotados, através dos treinos e vaticínios, de técnicas preciosíssimas de conduta, ainda que nunca possamos subir de cargo, ainda que nunca abandonemos nossos postos de serviço ... também temos limites. Cabeça de porco, cachoeira pelo umbigo, pé colossal, apenas o pé esquerdo, maior que o mundo literal. Definitivamente o chefe não está a par do reboiço que se desenrola cá Embaixo de Tudo, bem que eu desconfiasse que ele responde apenas pelo contrato da gente que narra. O chefe não trabalha. Lembro dele ter deixado bem claro, no ato do acordo, que a preocupação não era transcrever o que as pessoas faziam, com exatidão, mas sim, como faziam, sem exatidão, sem exatidão ... não cabe a mim ventilar hipótese sobre o cotidiano do chefe, se ele aliciara de fato a secretária ao sexo, ou se inventara um dia extra na semana para desfrutar das pernas dela ... não sou dado a investigações, ou se ele mascarava-se de deus, será que alguém, sendo ou não divino, detém direito sobre o maldito consultório? ... e se tem, por que tanto impedimento, obstáculo? ... não sou dado a investigações. Até acho que

este seja o único estabelecimento capaz de oferecer ajuda, préstimo, auspício aos narradores e aos demais normais cidadãos, mas havendo uma organização criteriosa dos fichários, tudo seria mais fácil, sim, mesmo sem ter noção de quem rege, controla, ratifica, tem direito sobre o consultório, sei que lá dentro está cheio de fichários, dos quais bastante se pode espremer ... haverá algo afora os fichários? ... haverá ornamento interno moderno tanto quanto na fachada? Jamais vi funcionária tão dedicada do quilate da secretária, e vale considerar que não pretendo me envolver com o que ela reproduz, contudo forma, contudo semi-deusa, contudo não importa. É madrugada. Ainda azul. Chegando ao fim. O homem comendo maçã apresenta, neste breve corolário, suma importância, senão pela relevância de protagonista piramidal, ou pela descrição perfeita de sua fisionomia obscura ... por nada, por nada levanta os olhos, come maçã, se prefere saber de prosa ou poesia, isso pouco implicaria aqui, e calado, e discreto, não tem matiz, e neste tempo todo, resumido então em logradouro tão inóspito, quem afirmaria que ele fosse afeito ao pensamento? ... quanto mais à fala ... todavia é-me visível a malha fabulosa que se diverte na mente dele, come maçã, come maçã, são processos artísticos dos mais codificados, dos mais indizíveis. Acredito no homem comendo maçã. Criatividade. Maçã. Piamente. Maçã. Maçã. Margeia o estoicismo com sua natureza e procedência incredenciáveis, protagonista? ... personagem? ... enquanto este estoicismo, indiferença, tanto faz,

pena por sanar-lhe a fome, outra mordida, o fruto teima em não acabar, estoicismo versus fome, quando terminar o sumo da fruta, o que fará? ... garanto não ser piramidal ... comprará outra maçã, será? ... mas onde? Ele não arrasta em si símbolo qualquer ou significado fenomênico, justamente acontece, à revelia de externas aferições, justamente acontece, como a música número sete da banda sinfônica e seu festival de polirritmia, muito provavelmente afetada pela revolução dos pâncreas que insurge contra todos, indistintamente ... mas não ... por enquanto este distúrbio só irá atingir aqueles que vieram se clinicar, número sete, polirritmia desenfreada, por enquanto, as batidas retumbam freneticamente divisões complicadas demais, até o desfecho dessas páginas, pelo menos, dispostas tais quais palitos de dente em milhões desprezados no fundo de um poço. Os dois filhos, da família de quatro membros, foram muito bem criados pela mãe, haja vista o zelo desta para lhes confeccionar os blusõezinhos, de lã, para o frio, não há frio, esta atenção exacerbada, geralmente pela parte materna, geralmente nesta faixa etária miúda, geralmente promove os maiores desvios de vaidade quando na época do discernimento próprio, caráter próprio, geralmente na cidade média, é deste jeito que as mães lidam com a prole, geralmente evitam limalhas no tratamento ... são dois filhos, um deles reclama que a perna está inchada. Quer se sentar. Vem pro meu lado. Quer saber meu nome. Quer saber o que faço aqui na praça. Sou rigidamente programado a não ceder nostalgi-

as, tampouco sucumbir à necessidade do encontro adiante, sentimentalismo ... quem este fedelho pensa que é pra me interpelar com toda essa petulância? ... nostalgia, encontro adiante, um tipo de sentimento que pouco a pouco aniquila orgulho e nos faz raciocinar somente em repetir convívio. Quer saber meu nome. Quer saber porque eu não levanto do banco. Mirando bem nos seus olhinhos, sem nunca devolver-lhe resposta, noto que este garoto envelheceu incrivelmente durante as últimas horas, aliás, não me recordo de tê-lo ouvido dialogar assim com tanta fluência antes, aliás, parecia um bebê ... chorão, aliás, as outras crianças que brincam no pátio, piscinas de areia, folhas, sob os candelabros, também envelheceram bastante ... será que estou sendo eu novamente confundido por delírios? A mãe, da família, de quatro, membros, da cidade média, apronta mais um casaco. Veste cada um dos filhos, são dois, o que está junto a mim, aquele mesmo a quem roguei futuro de narrador pretensioso, reclama que a perna está inchada e inchada ... de fato está. A epidemia estaria se proliferando? A epidemia é contagiosa? Não posso crer que a revolução dos pâncreas seja tão bem arquitetada a ponto de migrar até a perna de uma personagem ainda tão inocente. É contagiosa? Não. Não. Deve ser mais um subproduto do meu este inconsciente abominável. Não.

19. Agora é o momento de apresentar uma cena contingente, ou seja, que não pude controlar, nem através dos meus mais apurados sobre-planos, nem com radar. Se houvesse título. Seria. O seqüestro do violino. Um narrador deprimido foi a testemunha isolada de quando o braço do fiscal, o qual jazia indolente, morto, necrosado em cima do carrinho de música, agarrou e roubou o violino, desfalcando a orquestra ... seqüestro, esse tipo de obra, com trama surrealista, com o instrumento mais respeitoso sendo aliado do coreto, quase ninguém vira a ação criminosa na hora em que o vendedor ambulante distraiu-se à frente da banda, com ardil, com sangue, com o braço decepado do fiscal podendo servir de vilão, antagonista, é típica dos pretensiosos. É verdade que o deprimido tinha meios para intervir nesta inusitada seqüência, mas ele se apaixonou por Muun, ela que bailava ingenuamente. Pensou em dedicar-lhe uma ode amorosa, uma nênia, um calhamaço de declarações rasgadas por puro sofrimento ... acho que ele também já pode ser considerado, a partir de então, um rele personagem, não foi útil tanto desejo, não foi útil o testemunho ... não interveio. Digo isto porque a opinião dos personagens é algo aqui jamais ensejado. Por exemplo, o casal de namorados indeciso ... quem liga para o seu fracasso? ... ou os clientes magarefes, que nunca narraram uma parábola sequer, e se uniram na tentativa maluca de pular no buraco ... dinâmica, movimento, tentativa, opinião, movimento, opinião, tentativa, tentativa, quem liga? ... no buraco, movimento, opinião,

quem liga? ... ou o homem que atravessara o descampado, timidamente, a despejar terra escura por debaixo do manto ... ou seria porção viscosa de massa encefálica? ... alguém arriscaria dizer que ele estivesse em busca de novas ilusões? Ora, por favor ... terra escura, por favor, ora, ora, não era massa encefálica, ora, ora, por favor, o amor não existe. Ou quem sabe os grilos apinhados, como esgoto denso, sujo, azedo, fossem os elementos mais independentes destas pálidas linhas, independentes, independentes, livre arbítrio, os grilos apinhados promovem tanto barulho que não seria lícito agora descrever semelhante e clangorosa arruaça, por isso é preferível dizer que não dá para escutá-los. Ou a velha. A senhora idosa. Aquela. Que caíra aos pés do homem comendo maçã. Será que teve afeto por ele? Será que pensa em alguma coisa que não seja nada? ... o homem não oferecera auxílio para levantá-la, logo ela, que havia comprado briga com os vendedores por causa de seus jargões inflamados, ela que limpava servilmente o barro deixado em rastro pelo andarilho irresponsável, barro, terra escura, andarilho, irresponsável, irresponsável, amor não existe, velha, senhora, idosa, aquela, que, e que, amor não existe, paixão não existe, e que salvara o anão das investidas inconvenientes das crianças que queriam escalar-lhe os ombros, aquela, a velha, a senhora, a idosa, estava corretíssima ela, será que pensa em alguma coisa que não seja nada, aquário, passatempo? ... e o anão, com seu grave hematoma na testa, além do narigão, duvido que carregue

em si opinião vindoura ... senão, não se aventuraria em sussurrar pirraça no ouvido do guru, narigudo, mendigo, mendigo, narigudo, guru de mentira, ancião de mentira, narigudo, mendigo, herói de mentira, mendigo, narigudo. Ou, para finalizar, o que dizer do adulto quando abrisse a cratera no chão com o simples intuito de depositar ali o choro dos meninos indefesos, seria este enfim o resoluto personagem ciente, douto, sábio? ... ele que morre de vontade de provocar uma galáctica explosão só pra testar supostas reações químicas e ver surgir novo universo ... seria este? ... dinâmica, movimento, tentativa, opinião, movimento, opinião, tentativa, tentativa, quem liga? ... no buraco, movimento, opinião, quem liga? Esqueci-me de contar a passagem de quando o guru ancião, já impaciente com as estripulias do anão recalcado, lança-o, qual um saco de batatas, rente às árvores desfolhadas e aos candelabros ... voando, voando, voando, por toda extensão da praça, zunindo, zunindo ... violentamente, até chegar na altura da estátua indígena onde se encontrava sentado o homem comendo maçã. Este mal se incomodou. Mal titubeou. Abriu a boca com a mesma displicência com a qual vinha sorvendo seu magnífico mantimento. Engoliu o anão. O caso do narrador deprimido que se sentira enfeitiçado pela cantora e dançarina, Muun, e que, por conseguinte, deverá ser rebaixado de função, é a primeira ocorrência deste gabarito da qual tenho conhecimento ... não foi sua culpa, as idéias não nascem, decantam. Idéias não nascem. Vão-se embora. Qual a origem delas? ... ou

qual motivo fantasioso para elas? ... dinâmica, movimento, opinião, quem liga? ... tentativa, tentativa, vale mais a tentativa ... o vendedor ambulante, dono do carrinho de música, há poucos instantes quis vender um livro raríssimo ao homem comendo maçã. O título do volume era. Ismosismo. E só agora ele percebe que no estoque do seu carrinho não tem maçã, e que o homem não precisaria das tais pedrinhas de gesso para negociar qualquer mercadoria ali exposta, e que ele procuraria em todo lugar existente o fruto tão apreciado pelo dileto e eminente consumidor, maçã, sentado à estátua, desde que ele ficasse com um exemplar do. Ismosismo. O vendedor vasculha os bolsos do uniforme verde, contudo só consegue encontrar um pedaço do coração do fiscal, cujo algoz, já informei, tivera sido o portentoso guru de dentes amarrados com arame ... depois achou o pâncreas do fiscal. Jogou fora. Ele não sabia, mas aquele órgão em víscera lhe seria de veras valioso numa próxima oportunidade, talvez quando eu encerrar as atividades deste pequeno romance sinfônico, já que a revolução dos pâncreas vai muito e muito adiantada, talvez quando a maçã esgotar-se, talvez quando ele convencer o homem a comprar aquele fascículo bizarro sobre o. Ismosismo. Idéias não nascem, decantam.

20. Mais uma vez, surge-me sem qualquer anuência racional, a cena do artista de circo, desprovido de sentido

para o desenlace do pouco este romance sinfônico, embaçando-me a encomenda ... o romance não tem nada a ver com a banda sinfônica, as idéias precisam ser vilipendiadas, é um engolidor de facas. Tem uma bigorna monstruosa ancorada no pé. Descansa debaixo d'água. Talvez o lépido acaso tenha sido o catalisador desta alegoria boba, mas que não representa nada para mim ... vejo, por breve intuição, um avião monomotor despencando, solta fumaça, risca o céu com seu grito agudo em glissando, em direção ao mar, breve intuição, em parafuso, cai, e transporta acotovelada a companhia de artistas de circo, prestes ao acidente. Pronto. Não quero mais gastar falsas promessas para minha esta já cansada consciência, o que só me leva a ponderar sobre o quanto eu mereço mais alguns dias de folga como este ... tenho que me deparar com o chefe quando retornar aos escritórios, tenho que desfiliar desejos. É um engolidor de facas. Tem uma bigorna monstruosa ancorada no pé. Descansa debaixo d'água. Pronto. Durante a oitava música, já perto de terminar o repertório, a banda ainda não conseguiu emocionar o público na platéia improvisada no vale ... alguns clientes que se acostumaram com a agulhada na barriga, alguns bichanos que escapuliram do grupo de grilos ciciosos, assistem agora ao desafio das duas instrumentistas, a trompista e a trombonista. Digo que são duas mulheres pela maneira com que competem os fraseados untados, recheados de armadilhas, porém é impraticável distingui-las por trás de seus instrumentos ... com-

petem, oitava música, não sinto falta do violino titular que houvera sido seqüestrado. A trombonista sugere um tema meio holístico e etéreo, daqueles cujo colorido nunca se rende à fadiga, nunca esmaece, onde cada notinha do sopro é aproveitada, ganhando novas e novas significações ... Pilz, nesta hora, quase desmaia novamente, mas se manteve firme a enunciar seus fagueiros melismas com ares de superioridade, não preciso redigir que as três amigas são as únicas que vibram com a apresentação no coreto. A trompista, por sua vez, ameaça um contraponto riquíssimo, também holístico, contudo tocando temas do tipo fé, misticismo, esperança ... o que agrada bastante a Mdre e Frin, uma tem certeza que pode voltar a enxergar, a outra tem no sexo sua catarse pessoal, sobremaneira estes são assuntos demais fugidios para minha seara puramente onisciente, não deveria aprofundar-me tanto assim, só acompanho o ritmo da banda sinfônica, percebo o ritmo da banda sinfônica, são assuntos mais palatáveis, eu acho, aos advogados de refinada retórica, fé, misticismo, ritmo da banda, a trompista e a trombonista competem agora quem vai executar o desfecho, coda, epílogo da oitava música, Pilz por pouco não desmaia de tanta satisfação, e segue cantando, cantando e cantando. Chega a chuva, um aguaceiro. A noite é azul. As nuvens são transparentes. As pessoas começam a se impacientar na praça, eu também ... de certa forma esta mudança climática trouxe um bom motivo para concluir semelhante empreitada, nunca lírica, nunca definitiva, chove como

ninguém imaginaria chover de um céu noturno tão límpido e azul, nunca estrela. Outro terremoto. Mais algumas fendas são abertas no solo. Faz engolir o carrinho de música do vendedor ambulante, o qual não sorte obtivera para arrecadar uma pedrinha de gesso sequear, ao mesmo tempo, emite todo o lamento represado debaixo da terra e do cimento ... urra, gane, berra, e a secretária retruca do lado de lá do consultório, “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão?”, onde o tremor sísmico, não abalara, um dízimo que fosse, a estrutura do prédio ... moderno. Secretária. Bolinhas. Choro das crianças. Terremoto. Carrinho de música do vendedor. Concluir. Concluir. Além de jorrar o clamor bem condensado das crianças, o terremoto faz brotar outra coisa mais espetacular ainda, e vasta, e líquida, e corrente, somando-se ao temporal que se precipita rude e pesado, tornando-se um leite pastoso que pouco a pouco adquire forma e serpenteia em meandros o chão da praça. Misturado a tudo isso, que de muito forte arrasta até palavra, vem intermitente a sensação inexplicável do avião que se espatifa no mar, intermitente, sensação, matando uma horda de artistas circenses, e deixando um deles ancorado no fundo abissal, intermitente, abissal, artistas circenses, um deles, o engolidor de facas, ficara submerso e retesado por uma bigorna. Diferentes espécies de aberrações cercam a entrada do consultório, contestam pelo imediato atendimento, e que a revolução dos pâncreas era insuportável, e que logo mais uma enchente oceânica iria erodir até pensamento cá Embaixo

de Tudo. Concordo que esta seja uma balbúrdia legítima, já que dentro de minutos o ensaio encerraria e nenhum cliente havia sido convidado para qualquer simples consulta no recinto, os clientes sofreram metamorfoses, um espirra pelo ouvido, um agora está grudado a outros dois, mas não reconheço ninguém que estivesse presente no acidente aéreo ... a secretária, pelo visto, também não, mantém a porta fechada, a tabuleta, o som da sirene havia muito que já fora esquecido por todos nós, ou então fora encoberto pela quase dúzia de peças em miscelânea sonora sobre o coreto. O coreto não possui cobertura. Os integrantes da banda sinfônica, embora invisíveis, como as nuvens carregadíssimas, estão muito molhados, no entanto, continuam o ensaio ... e não foram acometidos pela revolução. Concluir. Concluir. Concluir. Pena que eu não possa dizer o mesmo dos clientes narradores, os biógrafos, os deprimidos, os extintos documentaristas, os pretensiosos ... assaz ansiosos por verem ruir depressa esta amarga agonia ... confesso que deles, talvez eu seja o mais preocupado. Concluir. Gostaria que me fosse permitido questionar, gostaria mais de entender a respeito da música subliminar. Ilusão, imaginação, possibilidade, não estou convicto de como vim parar aqui neste grotão ... tampouco do veículo que me transportara lá de cima, tampouco da certeza de que a dor abdominal ser-me-ia determinante para discorrer neste certame. As viagens geralmente burlam a matéria no tocante à saudade, à ficção ... tendemos a inventar artifícios voláteis para mitigar

a falta, estou cansado, estou com medo, este não era pra ser um libelo personalista ou levante terrorista de um reles narrador, adjetivo, adjetivo, mas não captei o sabor iminente na praça, tampouco os ecos da música subliminar, ao passo que me esqueço do propósito, função, alquimia deste meu cultivo. Idéias repetidas se transformam em bigornas monstruosas. Bigornas repetidas são rotuladas como instalações plásticas, milhões delas, plásticas, repetidas, rotuladas, milhões, algo mais próximo de sonho, crivo onírico. No encerramento da banda sinfônica, outra vez de cunho polirrítmico, a intenção é acordar os deuses, apesar disso, a dinâmica é pianíssimo, leve, pouca, querendo instigar emoção, quase inaudível, quase humilhando-se frente ao batalhão mais afoito por invadir o consultório ... alguns ataques em fortíssimo irrompem de supetão, cortando a orquestra, circo, causando susto até mesmo no guru ancião, circo, circo, que desde quando arremessara o anão na boca do homem comedor de maçã, entristecera gravemente. Nona e última canção, intenção de acordar os deuses, emulação provocada pelo singelo roçar dos dedos nos instrumentos de corda, piano, piano, alguns ataques em fortíssimo, lembram-me o choque do avião monomotor ao abalroar a superfície do mar, susto, susto, destruindo as pretensões da companhia de circo ... a chuva aperta, um aguaceiro, um dilúvio, antes de findar-se o repertório, a banda sinfônica interrompe o ensaio, não puderam emocionar, não possuíam maestro, chuva, susto, circo, susto, circo, chuva, chuva, circo, chuva,

circo, susto, choque bruto do avião, susto, circo, os instrumentos andam agora sozinhos, e molhados, e combalidos, ao descerem do coreto, todos eles, retornam à cidade média ... lá seria bem interessante reformularem a estratégia de propaganda do grupo. A família de quatro membros, a propósito, não sabia da existência deste insigne conjunto. A família de quatro membros, residente na cidade média, e a propósito, enfim conheceu a tragédia para a qual eu tanto alertara ... um dos filhos, ainda que estivesse agasalhado, ainda que não houvesse qualquer variação de temperatura, nem pra baixo, nem pra cima, morreu de frio, já o outro filho, sentado ao meu lado, teve a perninha amputada ... sem dó. Vontades crescem e viram bigornas, bigornas se multiplicam até chamarem a ilusão. Ciclo da bigorna. Diriam os pretensiosos. Mas eu não compartilho desta classe de narradores. A tempestade aperta mais ainda, um aguaceiro, um dilúvio, uma mentira. Gostaria que me fosse permitido questionar, gostaria de ter mais intimidade com os personagens no próximo dia de folga conferido, um homem comendo maçã é alguém intrigante para mim, mas bem que poderia importunar-me em trama o coração, gostaria de intuir o que ele pensa. Bigorna.

21. Atenção ... eu não sou o narrador fui denunciado por ele de ter sido irresponsável em minha breve passagem, excursão, traslado na praça, ao despejar

a quantidade abjeta de barro e terra, de barro e terra, e terra, e escura, mas tenho reparado bem em seus caprichos é hora de interferir neste processo tortuoso ... não sou o narrador ... sou apenas o andarilho cujo papel coadjuvante mal se pode mensurar aqui, barro e terra, e terra, e escura ... mas acho que também sou capaz de semelhante e vã destreza vejo-o através de uma gretnha da janela daqui de casa, para onde dirigi-me logo depois de ter sujado todo o descampado esconso, e terra uso botas, uso manto bastante largo, nunca fiz parte de nenhuma companhia de circo e cheguei a estas páginas antes mesmo que o homem comendo maçã apesar deste meu tom parecer de confronto, quero esclarecer que só desejo expor minhas impressões contrastantes, principalmente no que diz respeito ao valor, necessidade dos personagens então apresentados não conheço nenhum deles que tenha demonstrado habilidade alguma como eu, não posso aceitar ter sido marginalizado fabrico as pedrinhas de gesso sem elas, ninguém pode comprar qualquer mercadoria na praça, porém, compreendo que a condição para se realizar algo, o talento, a aptidão, estão muito distantes da situação de algo realmente feito, ou seja, por melhor e mais que eu represente em relação a um simples homem comendo maçã, jamais alcançarei o patamar de personagem na tutela deste vil narrador, barro e terra, e terra, e escura, uso botas, uso

manto, e larguíssimo por isso resolvi poluir os veios desta pequena história quando decidi fabricar as pedrinhas, talvez tenha dado importância exagerada a tal atividade quanto mais eu as fazia, produzia, lapidava, menos tinha prazer com aquilo, como se a projeção inicial fosse gradativamente inflacionando com o tempo, as pedrinhas de gesso perderam sentido, a ponto de nem permearem uma seqüência sequer desta narração mas não devo esmorecer se eu nunca atingir a meta da idéia, ou venha finalmente a merecer novelas mais profícuas, ou me esgote numa cela saturada e abstrata nada será motivo para eu deixar de existir, afinal, tudo é ilusão, e como se refere o próprio narrador, ele mesmo à espera de nem sabe o quê na praça, apenas o exercício torna as coisas possíveis, prováveis, viáveis ... mas não a fazem reais dentro de minha casa há uma montanha de pedrinhas de gesso, dentro de minha casa, uma dessas construções antigas que cercam o largo central, não há solidão tampouco amor, em minha casa, onde nada vale a pena ser descrito, tudo é lixo, tudo é terra, tudo é alucinação tudo acontece regido por um método rígido repito observei atentamente os caprichos do narrador sua mania por gerar frequências e ondulações até poderem entrar em fase tudo é barro, tudo é vivo, numa ingênua receita artística para burlar os fatos verdadeiros frequências, ondulações, em fase, ondulações, em fase, ingênua receita artística para

burlar os fatos verdadeiros era hora de interferir neste processo tortuoso, através de uma gretinha da janela, vejo-o alquebrar-se por causa das dores no pâncreas, enquanto ainda tenta seguir em frente sua faina ... mal sabe ele quem seja eu moro do lado do consultório, aliás, cada qual casarão desgraçado deste é habitado por um personagem desprezado é possível que algum deles também se alimente de maçã, ainda que ninguém presumisse explicar onde comprar semelhante fruto, e carnudo, e saboroso, e pedrinhas de gesso mas eu sei, eu conheço a senha da secretária, eu sou vizinho do consultório, sempre soube o tempo todo, eu existo, eu fabrico as valiosas pedrinhas de gesso, mas ninguém nunca me perguntou agora vou fechar a janela, frequências, ondulações, em fase, ondulações, em fase, em fase, é melhor deixá-lo voltar ao ofício dele eu não sou o narrador ... atenção. Os pássaros piam e piam anunciando, qual indolente carpintaria, os passos definhados do percurso noturno, ainda chove, os pássaros não se influenciam pelo trovejar de água, piam, a estrutura já há muito foi desfeita cá Embaixo de Tudo, e piam ... muita tensão na porta do consultório, muita ação ao se despedirem os integrantes da orquestra, tudo acaba confluindo ao universo embaralhado das idéias, por meio de mínimos embates que só se avolumam, por meio de todo tipo de estranheza, os pássaros incrementam ricamente a heterofonia da chuva, por meio de um certo, suposto inconsciente coletivo puxando em retrospectiva cada

recorte passado, as folhas dançarinas, os vendedores ambulantes extremamente confusos, embora sindicalizados, balas, bebidas, bibelôs, badulaques, o curioso compêndio do. Ismosismo a apresentação muito densa em cima do coreto, os repiques quase que letais das gotas sobre nossas cabeças, piam, piam, piam, e as pelejas pugnazas propiciadas pelas lutas cruéis do velho ancião ... muita atenção ao arremate do romance sinfônico, tudo acaba se encaixando no mundo literal. Não fora apenas sugestão ... as crianças envelheceram absurdamente. A maioria delas se diverte com o enxame de grilos, alheias, mas o menino com a perna amputada foi devorado por uma gangue desses bichanos, talvez a gangrena tenha atraído o apetite dos grilos, em compensação, seu irmão, aquele que calculava até tristeza, ressuscitara de pé e já grassava novamente seu nobre aspecto melancólico ... devorado, alheias, apetite, alheias, alheias, ressuscitara, afinal de contas, não há frio, quanto mais motivo para se ter morrido ... os grilos pulam e ciciam qual batida métrica do tempo, se bem que não fossem mais tão precisos como outrora, o fato é que substituíam a contento a função ultrapassada do relógio quebrado ... todos os candelabros querem apagar, todas as crianças ficaram velhas demais, é tempo de bafejar a era da nostalgia. Neste momento, o guru, deflorador de jovens garotas, nascido na cidade minúscula ao tempo das coisas feias, enfim reconhece Frin ... ela foi uma das últimas vítimas a quem ele aconselhara na caverna, depois daí, Frin partira para a

cidade gigante em companhia de Mull, depois daí, o guru desandou a relatar casos pitorescos como se fossem pessoais, já era tempo das coisas belas. As três amigas giram no eixo, e nuas, e molhadas, e orgulhosas por terem vivenciado quão inaudito evento, não há mais música, não há mais mistério no que tange aos seus nomes ... Mndl, Puiz e Frin giram no eixo mais e mais rápido conforme cantam mais e mais alto, causam-me um prazer inenarrável, e nuas, e molhadas, mas a dor me impede de desfrutar deste sublime enredo ... tenho que ser atendido pelo consultório, levanto do banco. O homem dá a mordida derradeira na maçã. Maneia levemente o pescoço. Vai olhar pra mim. Abaixa a cabeça, joga o resto da maçã em um dos buracos subsolos ... enquanto já estou diante do consultório. À tabuleta lê-se, “Se quiser, aqui se cria!”. A arquitetura do prédio é novíssima e reluzente. Antes da secretária perguntar-me pela milésima vez sobre seu juguete, informo a ela que não sou ninguém especial, mas que devo ser consultado em situação de emergência. Entro. Por que não disse antes meu nome? Será que era esta a chave? ... ninguém, ninguém, emergência, no interior do consultório só identifico os mesmos fichários e uma enorme coleção de raciocínios baratos, jazendo, fazendo poeira, parecendo mais um cemitério sem propósito, sem utilidade ... entre os diversos objetos imateriais da coleção, está a figura do engolidor de facas que me persegue, que descansa debaixo d’água, tem uma bigorna presa pesando-o para o pélagos, que ilustra toscamente o cemitério

rio, fichários, ninguém, fichários, fichários, por que não disse antes meu nome? Será que já estou sendo analisado? Sinto que preciso relaxar o corpo qual faxina irreverente, pesquiso o sem-número de fichários ... será que a revolução dos pâncreas evoluiu para espécie qualquer de loucura? Não me afligem mais as pontadas abdominais, talvez algum outro narrador tenha interferido no processo lá em cima, não sou contra as co-autorias ... se a arte, como lente do mundo, e o restante da existência humana, meio caduca, caçam-se tanto mutuamente, por que eu não posso me curar então? No cemitério costura-se carne, não sonhos, fichários, fichários, coleção de raciocínios, carne, possivelmente de antigos clientes que também ousaram invadir o consultório e não quiseram abandonar as idéias. Não sou contra as co-autorias. Sou um narrador artesão. Saio pela mesma porta que entrei, resignado, sobra-me a praça Embaixado de Tudo ante meus olhos feéricos ... atrás de mim, a secretária nunca se cansa, “Quantas bolinhas existem aqui na minha mão? Quantas bolinhas?”, não precisei respondê-la para conseguir ser atendido, rápido, breve, pois não tenho permissão para me estender muito neste determinado assunto. Hora de voltar ao trabalho nos escritórios, acho que já garimpei elementos suficientes para compor meu futuro fracasso ... não sou de polir ou lustrar histórias, fracasso, artesão, suficiente, não tenho o que dizer. Hora de cavar e cavar para ajudar com o terremoto. Hora de avaliar o que houve na minha curta ausência. A estátua do índio guerreiro se dividiu em outras

menores, que saíram solfejando em uníssono um brado maravilhoso, que encobrira o coro das três amigas nuas em pelo, e contentes, e contentes, as estátuas formaram um belo cortejo de esculturas, que correram para atacar o homem impassível, que comia maçã, que sem fugir de onde estava, de um só lampejo, exterminara todo o cortejo ... esculturas, índios, guerreiros, toda a população de narradores me aguardava no vale à madrugada, eles agora são personagens, participantes, transeuntes comuns também, e se despedem ao subirem as ladeiras sem destino certo, topo vislumbrável ... vão com as mãos apertadas em concha, como recipientes de água da chuva, não sentem mais a dor torrencial, será que o consultório só concedera acesso para mim? ... mãos em concha, recipientes, ladeiras secretas, topo vislumbrável, qual história é melhor do que a vida de cada um? Surge com violência a grandeza do rio aflorado das fendas sísmicas, tudo é efêmero, qual história devemos enterrar até descobrirmos uma nova? Vejo passar no leito do rio a imagem do engolidor de facas refletida, não sei se está ainda submerso, não sei nem se por algum milagre se encontra vivo ... as árvores desfolhadas são arrastadas pela força da corrente fluvial, irão de fato logo apodrecer por outras bandas, outros terrenos estarão férteis, outros rios se abraçarão. Tenho muito para elaborar na minha sala de escritório lá em cima ... no chão, uma gaveta sem mesa faz-me parceria, contendo um único documento, emperiquitado como o imenso rio místico, porém estancado, eis o regulamen-

to. Tenho muito para construir, tenho muitos artistas de circo para trazer à tona, sobrevivência, ou tanger realidade, ou inventar sons diferentes, rio, místico, estancado, é desta forma que considero e estudo o regulamento. Apesar disso. Garanto que esta seja a última contingência narrativa. O homem, de novo, está comendo maçã. Onde o vendedor ambulante conseguiu achar a fruta? É distante a viagem de retorno ... mas se nem me lembro como vim parar aqui Embaixo de Tudo, pra que duvidar ... que é tempo de fechar os olhos, escrita, bigorna, bigorna, e vir a ser outro? ... quando conhecer o chefe irei pedir-lhe, de pronto, demissão ... cheguei à conclusão que são péssimas as condições de serviço impostas pelo regulamento ... os passarinhos ainda me induzem a dizer coisas bonitas, entretanto, estão de vez abertas as comportas, escotilhas, nós, amarras do imenso rio místico, não mais estancado, não mais restrito aos sisudos fichários ... parou de chover.



Formato: 130mm x 190mm; Tipo: Time New Roman, corpo 11;
Editoração eletrônica: Word; Impressão: laser HP-1500;
Acabamento: artesanal; Tiragem: livre